

*Boletim*  
**ASSOCIAÇÃO CULTURAL  
FIALHO DE ALMEIDA**



**NOVEMBRO/2024 • N.º 9 - II SÉRIE  
CUBA**

## Sumário

- 1 Editorial
- 3 25 de Abril de 1974  
– 50 anos
- 6 As vindimas  
Fialho de Almeida
- 12 O Fialho de Almeida  
que fica para o futuro  
Urbano Tavares Rodrigues
- 16 Nota sobre «contos e contistas»  
de Fialho de Almeida  
Emília Salvado Borges
- 22 Fialho de Almeida  
e a questão social  
Abílio Amiguiinho
- 34 D. Pedro V em Cuba  
Fialho de Almeida
- 42 Lisboa Monumental  
– Da estética à higiene da cidade  
Alberto Oliveira
- 48 A propósito do livro  
«In Memoriam»  
José Augusto Barroso
- 50 Noticiário

## Boletim da Associação Cultural Fialho de Almeida

N.º 9 - II Série  
Novembro / 2024

Direcção / Coordenação  
Francisca Bicho

Redacção  
Museu Literário - Casa FA  
Rua João Vaz, 6  
7940-159 Cuba  
[ac.fialhodealmeida@gmail.com](mailto:ac.fialhodealmeida@gmail.com)

Edição  
Associação Cultural  
Fialho de Almeida  
NIPC N.º 504 485 989

Tiragem  
500 exemplares

Capa  
Manuel Maria Barroso

Composição / Impressão  
BejaGráfica, Lda.  
Tel. / Fax 284 322 250  
7800-440 Beja

ISSN 2184-3309  
Depósito Legal 142 282 / 99

O Boletim da ACFA está aberto a toda a colaboração, não se responsabilizando, contudo, a Direcção, pela publicação e devolução dos originais não publicados

# Editorial

Prosseguindo o objectivo de publicarmos anualmente o Boletim da Associação, estamos a apresentar o BOLETIM número 9 desta II Série, e que corresponde ao ano de 2024.

Numa nota de abertura, impõe-se uma palavra para justificar que, apesar de dificuldades de vária ordem, o nosso trabalho é uma tentativa permanente para mantermos esta tentativa de irmos cumprindo os objectivos que motivaram o conjunto dos sócios fundadores da Associação Cultural Fialho de Almeida, bem como aqueles que a reanimaram em 2014/2015.

O Boletim e outros trabalhos desenvolvidos, em particular Encontros Literários levados a efeito, constituem uma forma de manter viva a obra de Fialho de Almeida, daí a importância de não falhar a edição do Boletim, o que temos vindo a conseguir com a publicação de textos do Escritor e a colaboração de muitos autores que respondem à nossa solicitação, e a quem agradecemos.

Quanto a este Boletim agora publicado, e no que toca à capa, tivemos a colaboração gratuita do amigo Manuel Maria Barroso num estudo sobre Fialho, que aqui agradecemos.

No presente número damos destaque, em primeiro lugar, ao trabalho que desenvolvemos no âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974. Depois, tem a palavra Fialho de Almeida através dos textos que publicamos, designadamente «Vindimas», que assumimos publicar apesar de não ser de fácil leitura, pelas palavras e parágrafos ao género de Fialho.

De Fialho de Almeida publicamos também um texto sobre aspectos da vida local, por considerarmos que muitos gostariam de, através dele, contactar com esse assunto. Trata-se de «D. Pedro V em Cuba», título da nossa responsabilidade. D. Pedro V passou pela vila em 1860, e Fialho tinha nascido em 1857, pelo que deve ter elaborado o texto por conhecer o jornal «O Bejense» e a descrição de um Cubense, artigo igualmente transcrito.

«O Fialho de Almeida que fica para o futuro» é um texto de Urbano Tavares Rodrigues, cuja publicação nos foi autorizada pela Sociedade Portuguesa de Autores. Numa «Nota sobre Contos e Contistas» de Fialho de Almeida, apresenta-nos Emília Salvado Borges mais um texto de sua colaboração, com que regularmente contamos. «Fialho de Almeida e a Questão Social» é o título do trabalho que nos apresenta Abílio Amiguiinho.

Em Testemunhos sobre leituras, Alberto Oliveira apresenta-nos «Lisboa Monumental – Da Estética à Higiene da Cidade», e José Barroso um outro sobre o livro «In Memoriam». O Noticiário encerra o Boletim organizando notícias diversas sobre actividades, em particular Encontros Literários e outras, como uma felicitação ao sócio António Cândido Franco pelo prémio que recebeu.

*A Direcção*



25 DE ABRIL  
*sempre*  
50 ANOS



## 25 de Abril de 1974 — 50 anos



No ano em que se assinalam 50 anos sobre o 25 de Abril de 1974, a Associação Cultural Fialho de Almeida não poderia ficar indiferente e não registar toda a importância dessa “...*Madrugada que eu esperava / O Dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / e Livres habitamos a substância do tempo*” [Sophia de Mello Breyner Andresen].

Assim, a nossa planificação contemplou actividades no âmbito da temática, e podemos afirmar que o ponto alto do *Encontro Literário* de 13 de Abril de 2024, Casa Fialho de Almeida, Cuba, foi a presença e intervenção do Capitão de Abril Rosado da Luz, que naturalmente não poderemos aqui reproduzir.

A sua intervenção foi partilhada à distância por outro Amigo e Camarada, Luís Costa Correia, que amavelmente escreveu à Direcção da Associação, felicitando-a pela iniciativa em Cuba, lamentando não poder estar presente, muito em particular pela ausência de melhores transportes... e dirigindo felicitações aos presentes.

Com o devido destaque, devemos lembrar que o *Encontro Literário* de que damos conta teve como ponto de partida a apresentação do Livro *Os Sonhos da Revolução dos Cravos*, pela

própria autora, Maria José Maurício, que acedeu ao nosso convite e esteve em Cuba no dia 12 de Abril, numa sessão dirigida a Alunos do 9.º Ano do Agrupamento de Escolas de Cuba, e no dia seguinte nesse outro Encontro com o público em geral.

Os objectivos da Associação estiveram particularmente vocacionados para os Alunos, na certeza de que é aos Jovens que interessa esclarecer sobre os tempos negros da nossa História e sobre as transformações ocorridas após o 25 de Abril de 1974.

Assim, em 22 de Fevereiro concretizámos um Encontro com os Alunos do 9.º Ano do AEC, orientado por Francisco Cantanhede, autor do Livro *O Cavador que Lia Livros no Tempo de Salazar*, sendo estes destinatários os mesmos que participaram na sessão de 12 de Abril, com Maria José Maurício e o seu Livro *Os Sonhos da Revolução dos Cravos*.

**Dos folhetos distribuídos registamos:**

I – Em 2024 assinalamos 50 anos de vida em LIBERDADE E DEMOCRACIA, mas antes, Portugal viveu outros tantos em ditadura, sem Liberdade, com repressão, com uma polícia política, com censura, sem direitos, e com uma guerra colonial em África, em terras que não eram nossas, pro-

vocando mortes e mortes, entre os Portugueses e entre os Povos Africanos... Os portugueses não tinham direito de voto, direito à greve, etc. etc.

Não havia uma Escola para todos, pois o que importava a Salazar era ter um povo ignorante, que não lesse, pensasse, reivindicasse, que apenas trabalhasse em forma de explorado e com fome.

Mas havia Resistência, e mesmo entre os Cavadores, havia quem soubesse ler e explicasse a outros...


Nos tempos actuais, importa manter viva a Memória desses outros tempos, para que não se repitam!!

II – Breve cronologia – 1974 [...]

Abril 24 – “Às 22H55, nos Emissores Associados de Lisboa, Rádio Graça, João Paulo Dinis lança o primeiro sinal: 'Faltam cinco minutos para as 23H00. Convosco, Paulo de Carvalho com o Eurofestival 74, 'E Depois do Adeus'. Era o sinal para a preparação de saída dos quartéis”

Abril 25 – Santarém – “[...] Quando

**ENCONTRO**  
**25 de Abril de 1974 - 50 ANOS**  
**E ANTES... SALAZARISMO**



COM FRANCISCO CANTANHEDE | PARA ALUNOS DO 9º ANO AECUBA

**CUBA 22 FEVEREIRO, 14:00H**  
**MUSEU LITERÁRIO**  
CASA FIALHO DE ALMEIDA

**2024**

COM O PATROCÍNIO DE  
FALHO DE ALMEIDA

APÓCATA  
CUBA  
CUBA 2024

MUSEU LITERÁRIO  
FALHO DE ALMEIDA

o pessoal foi acordado para se levantar, pensou: 'É mais uma operação nocturna'. Então, meti-os dentro de uma sala. Eu era o comandante de instrução do Curso de Oficiais Milicianos e Sargentos Milicianos (...) Comecei a pensar: 'O que vou dizer a estes fulanos?' (...) disse-lhes:

*Palavras de Salgueiro Maia (\*) – 'Meus senhores: como vocês devem saber, há várias modalidades de o Estado se organizar. Há os Estados socialistas, os Estados capitalistas e há o estado a que nós chegámos. De*

*maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e vamos acabar com isto [...] Quem for voluntário, sai e forma. Quem não quiser sair, fica aqui'.*

*Toda a gente foi formar lá fora, não ficou ninguém na sala' [...]"*

(\*) *Salgueiro Maia* – “Passados 17 anos, quando sabia que estava condenado a morrer dentro de pouco tempo, falou desassombradamente ante uma câmara de vídeo, depositando assim as suas memórias no Centro de Documentação 25 de Abril, em Coimbra”.

Fonte: “25 de Abril Memórias”, Documentos LUSA, Edição Especial, Abril 1994 (adaptação)

**50 ANOS**  
**25 de ABRIL**  
50 ANOS

# ENCONTRO

## 25 de Abril 1974 – 50 ANOS

a partir do livro *OS SONHOS DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS*



COM MARIA JOSÉ MAURÍCIO | PARA ALUNOS DO 9º ANO AECUBA

**CUBA 12 ABRIL. 14H00**  
**MUSEU LITERÁRIO**  
CASA FILHO DE ALMEIDA

**2024**

CONVITE ÀS  
atividades do 9º ano

organizado por  
CUBA  
Câmara Municipal de Fátima

patrocinado por  
Município de Fátima  
Fátima de Almeida

# As vindimas<sup>1</sup>

## Fialho d'Almeida

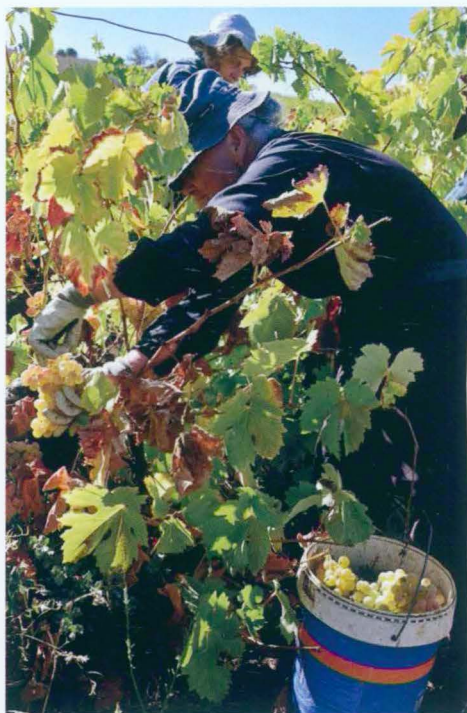
Setembro

«Agosto passa. É o mês de sação dos grandes frutos, em que as debulhas terminam, os pêssegos turgescem, abeberam os figos e, enfim, se decide a abundância ou a escassez das nossas vindimas.

Benigno de calmas, e com ar de Primavera monótona que nem justifica sequer as vilegiaturas ruidosas dos ricos por essas quintas, praias de banhos e estações de águas, o Verão este ano como que participa em incongruências da consciência dos nossos homens públicos, que ora se abramam de cóleras, ora enregelam de indiferença, conforme a hora em que a mesma questão desce a esvurmá-los.

Entretanto, Lisboa está deserta: os teatros às moscas; uma banda marcial guinchando no coreto da Avenida, todas as noites, à obtusidade estética dos guardas, únicos frequentadores nostálgicos do concerto; as ruas falhas de transeuntes; as tabacarias desertas de fregueses; e de roda das praças, sob as árvores poeirasas, raros, cada vez mais raros, os Lisboetas, a quem o Governo paga, compar-sas de ópera, para darem a ilusão de que isto seja uma capital das mais febricitantes.

A escutarmos os prognósticos dos sábios, parece que Agosto vai desforrar-se em poucos dias, quanto a ar-



Fotografia de José Maria Chaveiro

dências, das benignidades pachorren-tas do seu colega Julho: e uma nostalgia de campo acode ao espírito de quem, como eu, tem cá dentro, sob os invólucros postiços dum pensador e dum *artigoleiro*, a alma cândida, contemplativa, simplória, dum aldeão transviado à cultura dos seus campos e dum lavrador cativo, que a todos os instantes suspira pela rabicha do arado.

Agosto passa. É o momento das feiras e das romarias. Os últimos calcadouros de trigo devem estar-se a debulhar por aquelas herdades do Alentejo, sob o céu cáustico, esfumado, em cujo azul de chumbo paira a voracidade sinistra dos milhafres e dos grifos, de roda às anafadas galinhas dos casais.

1 ALMEIDA, Fialho de. (1992). «As Vindimas», in *O País das Uvas*. Lisboa: Edição do Círculo de Leitores, [1.ª edição, Lisboa – Porto, 1893]. pp. 27-34.

Aí vêm agora em plena exuberância as verduras brunidas da paisagem vinhateira, cujos metálicos pâmpanos ascendem por cima de arvoredos e valados, na estesia dos seus viços bravios, pendendo os cachos ingurgitados de sucos, cuja diversa tintura já começou de acentuar-se. Lebres, corvos, codornizes, pardais, tudo agora se abate sobre a vinha esbagoada em topázios, ametistas e rubis. Fome, coitados!

Por aí quase de todo secos, os pastos. Nem um grão que debicar nas courelas apenas cobertas de restolho; e o sol que os abrasa, e deslumbra, e mata de sede, faísca nas pedras e põe mordentes brilhos na calíça branca das casarias.

Oh! quem me dera ser um campônês, como que uma emanção da paisagem que o meu olhar abraça daqui, e bem forte, bem novo, bem fulvo, recolhendo ao anoitecer dos matos com o meu feixe de lenha à cabeça, a carreta do vindimador chiando por algum córrego pitoresco e um cordeiro que balisse adiante, na linha dos antigos deuses foragidos, a elegia violeta do morrer do Sol! E de roda de mim, por cima de mim, ouvindo as tristes gotinhas de água a cair, com o seu *ting-ling* de fonte amável, no coração dos musgos romanescos... Evoé, padre Baco!

Dentro de pouco chegarão as vindimas, festa de abundância nestes lugarejos pobres, em que os terrenos delgados não parecem felizes para qualquer outra cultura.

Enquanto o Meio-Dia e o Sol colhem e pisam a pés de homem cachos

rúbidos e opados, no lagar onde o mosto ferve, como num mistério dionisiaco, ao norte, pelas encostas do Douro, sobranceiras ao rio, já não se oferece como outrora o espectáculo da verdura hilariando em vários tons esmeraldinos e os esquisitos recortes das parras, dando a ilusão de pequenas faianças de esmalte maravilhoso.

Toda essa cultura panorâmica da vinha, deitada aos ombros de montes risonhamente acidentados; toda essa cultura expirou, súbito ferida nas exuberâncias da seiva: e em cada Inverno as tristes populações pedem esmola, lastimando a saudade dos dias fartos!

Não terão de correr bastos anos, quem sabe? sem que o terrível insecto desça as cordilheiras, atravesse os rios com pontes invisíveis e, jorrando nos vales do Alentejo vinhateiro, vá lançar terror e morte num dos mais



*Dionísio em jovem*

opulentos trechos de cultura daquelas ricas províncias de lá baixo. Gozar, portanto, os últimos espectáculos desta singular e caprichosa mágica das vindimas, estrepitosa, doida, lesta, animada – como se ruídos de fanfarras, choques de címbalos, rufos de tambores, gargalhadas de bacantes, estrupidas de centauros, viessem ajuntar as suas expansões, os seus brados, os seus choques, às cantigas ardentes e aos idílios de vindimadores com vindimadoras.

Através da bruma das idades, vão os meus olhos sonhando, em riden-tíssimas miragens, a pompa das vindimas no mundo velho, que os pro-saísmos da vida egoísta exautoraram das suas galas mitológicas.

É a cepa, transfigurada num deus adolescente, árico de origem, com a cabeça cheia de diabos azuis, caprichoso e histérico, que pelo entusiasmo das festas inspira o teatro ao mundo antigo: deus fugaz, inexplicável de génio, amoroso, faiscante, risinho, sanguinário, terrível, que ora se disfarça nas eflorescências do símbolo, ora faz boiar à flor da realidade o seu divino corpo de efebo, perfumado e nu. É ele o último gentil-homem do Olimpo que deixa a Índia, sua mãe-pátria, para entrar na Grécia embalado nos braços de Sileno, o velho frascário que lhe incute os segredos convulsivantes do mosto e as voluptuosidades rubras das vindimas. Desde então, ensaiam representá-lo, por um feiticismo intencional, nuns esboços de escultura, donde a imaginação grega virá a arrancar noções para as futuras e extraordiná-

rias metamorfoses do deus.

Aos juvenis amores que por entre as vinhas passeiam as primeiras emoções do idílio, escandecidos de sol, enlaçados e com o olhar absorto no desejo, ele aparece nas nodosidades das cepas que de acaso pareçam modelar alguma máscara de cara galho-feira, com a sua barba de pâmpanos – e as vides que ascendem, cintilando nos seus vernizes circulantes, e que rolam numa espécie de anseio tumultuoso, são como os braços do deus, abertos para abençoar os noivos que passam, estreitando-lhes as cintas, a fim de melhor lhes condensar o prazer. Não ouvem?

Já lhe levantam estátuas e poetas anónimos lhe tecem genealogias bizarras, onde as alusivas transparências da fábula deixam recompor um patético culto à natureza.

Ele é o filho de Semelé, terra vegetal, fecundada por Zeus, deus do ar, donde escorrem as chuvas da Primavera, sendo a terra abrasada em seguida pelos fogos do Estio. Porém, seria imperfeito, roubado à acção maturativa dos grandes orvalhos do Outono: e eis que chegam para amamentá-lo e fortalecê-lo as Híades pluviosas, brancas filhas do Oceano, com os seus peitos gotejantes.

Já a criança assim robustecida vem mostrar-se em mármore nos baixos-relevos dos templos, correr nos atalhos tépidos da Hélade, sob latadas ditirâmbicas, num carro de panteras negras, entre sátiros com pés de cabra, músicas rústicas e frautas e juventudes que esbanjam virgindade nos amplexos selvagens do vinho –



*Baco em velho*

todos os vortilhões enfim do sangue que formilha vitalidades irresistíveis! Desde então, as vindimas tornam-se a doida quermesse dos países do sol, tudo dança, tudo canta, tudo ri!

O amor é um divino poema enquadrado nas paisagens violentas da vinha; e para o ler é necessário ser novo, estar forte e beber. Baco faz-se agora o riso do lar, a flama do holocausto, a vida íntima do corpo, a energia dos músculos, a faísca do génio, a escandecência do sangue – turbilhão que explui nesse vasto movimento impulsional, e nas palavras deixa titubeamentos sublimes, e exacerba todos os ardores, e incende todas as cóleras, e esgarça ao vento todos os raciocínios e todas as tristezas. Ei-lo aí de taça alta, feita dum côncavo de casca de árvore, coroado de parras, os olhos borrachos, espremendo o sumo dos cachos olorantes, com a sua tenra figura de Apolino radioso, amolecida numa delicadeza de linhas mórbidas

ainda de juventude, em cujo botão parece dormir, nínfea alba, a graça viril do futuro adolescente – e as roscas de carne sobram-lhe nas curvas dos pequeninos membros relaxados de vinho.

A sua idade caminha e progride e aperfeiçoam-se em paralelo os mistérios do culto que o país das estátuas lhe vota. Esta divindade imberbe e infantilmente amorosa como um primeiro período de ebriedade não pede em começo mais do que pequeninas festas campestres, sem

grandes pompas rituais, sem ruídos, nem cortejos de cidades, nem marchas de guerreiros seminus, entoando o *poean*, nas cadências do passo ginástico. É um deus rústico, que na época das vindimas, quando as abelhas zumbindo se abatem de entorno às videiras vergadas de frutos, se faz passear em efígie tosca, ao derredor das vinhas, numa padiola levada por vindimadores.

Um escravo conduz adiante um vaso engrinaldado de parras, em que refere o primeiro vinho do ano. Outro, após ele, traz um cesto de figos; em volta escorregam, valsando. Os pares abandonados – e logo uma virgem ergue acima das cabeças o falo sagrado, símbolo da fecundidade. Nada tão encantador como esta procissão pagã, glorificadora das grandes forças misteriosas da Terra e congratulando pelo amor os espíritos sinceros do povo. Ainda agora as nossas vindimas parecem guardar remi-

niscências destes primitivos cortejos, cheios de cantigas, volitando em danças rudes, e cuja gracilidade plástica dir-se-ia atinente a divinizar as culturas sacras dos vedonhos. Nos mais antigos vasos gregos, a pintura retrata esta forma inicial dos bacanaís, com o seu cortejo animado, desfilando ao clangor dos evoês, entre coroas de parras e tirsos.

Uma pedra achada em Óstia, diz Paulo de S. Vitor nas *Deux Masques*, representa Baco já homem, com um leque de barba feito de quatro asas de abelhas, e a risonha boca entreaberta, como um cortiço aos enxames. Não é ainda o deus terrível que se vai abalançar à conquista do mundo, igualando por suas estranhas metamorfoses as aventuras do Vichnou indostânico, mas um companheiro alegre, um borracho benévolo e dedicado, um deus bom rapaz, que nos faz esquecer na sua hilaridade todas as horas más que a vida tem.

Breve, mui breve todavia, essa fase de *nonchalance* olímpica se apagará, desde que se lhe faça impetuoso o sangue nas veias, e lhe refervam lá dentro os ardores da idade, e lhe retumbem explosões de paixão dentro do peito.

Já ele começa a exigir sardanápálicos amores aos seios alvinitentes, que apenas um calmo arfar santifica; já ele encanta e perturba as ligeiras cabeças louras, com os penetrantes odores que exala.

Um riso baba-lhe dos beiços e escancara-lhe as fauces, bestializado numa espécie de sensualidade ululante.

Há crispaturas na sua face barbu-

da e grosseira – e as cordoveias do pescoço entumecem-se-lhe num preâmbulo de cólera frenética e de embriaguez furiosa, que aspira, com a venta tigrina, o sangue dos assassi-natos.

Já aos seus gritos os espinhaços das panteras negras do seu carro se arqueiam e corcovam, nos espasmos que o fumo do sangue desperta, e o cortejo se mescla e engrossa de figuras nada tranquilizadoras. Às harmonias da marcha cadenciada sucedem-se hesitações nos grupos, fumaradas de orgia que avança pedindo crueza à carne, vortilhões de monstros lutando entre o lampejo metálico das flechas! Os beijos furtados uivam de apetites convulsos. Entre a fúria dos mugidos báquicos, à luz dos fachos, sob as ramagens dos loureiros, dos ciprestes, e dos plátanos, rodilhões de personagens galopam, em estranhas promiscuidades, cantando nas penumbras do bosque, derredor do carro do deus. E tudo se anima e transfigura com ele!

Já os sátiros advêm por esquadrões e os troncos da floresta rasgam os seus ventres centenários, para deixar sair as driades, desgrenhadas e loucas, com insectos de ouro em constelação sob os cabelos verdes.

Mil e mil abstrações simbolizadas das fecundas seivas da natureza tomaram corpo, engrossando a turba, e desfilam por estranhas famílias, ele egipãs, centauros, silenos ventrudos como guardiões, esboços de criaturas, caprichos de animalidade, monstros criados com retalhos de todos os seres, meio homens, meio cabras, meio serpentes, meio génios... – gran-

des larvas exóticas do humo terreno, que muitas forças tivessem fecundado ao mesmo tempo!

Eis que a orgia atinge paroxismos trágicos e, espadanando nos vales, começa por assolar os tranquilos campos, como um dilúvio de búfalos selvagens. É quando a festa debandou e catástrofe e dos peitos golfa a podridão das vinganças!

Como no sacrifício da missa, transfez-se o vinho em sangue nas taças dos sacerdotes e, vivo ainda, numa agonia muda, lá vai manchar as máscaras de gesso dos bacantes e as suas túnicas fendidas de alto a baixo, sob os sios abocanhados.

O furor do vinho leva à morte as primeiras vítimas: é o deus que reclama sacrifícios! E mundo inteiro se apavora desta terrível cólera sanguinária – as árvores que suplicam clemência, com os seus braços de es-

cravos vergastados; pássaros tresnoitados que fogem, ramo em ramo; e as águas dos regatos, enrubescidas de sangue de inocente. Evoé! São as bacantes que debandam contra os maciços de folhagem, a estrangular nos seus antros os leõezinhos de mama! Sátiros que asfixiam as ninfas, com o seu amor de bestas feras! Touros decepados, cuja agonia guarda a religiosa tristeza dum cântico. Evoé! Evoé – e de todas essas carnes que agonizam, e contraídas mugem, jorra um sangue generoso, em fumaradas, que se espalha e circula, rasgando a terra comovida por hecatombe tamanha.

Tal é a evolução mitológica de Baco: psicologia do vinho, esmaltada num quadro alegórico, que eu vejo e revejo nas suas maravilhosas contramarchas, com os olhos absortos de Canova contemplando os frisos do Pártenon.»



*Fotografia de José Maria Chaveiro*

# *O Fialho de Almeida que fica para o futuro<sup>1</sup>*

■ Urbano Tavares Rodrigues (Escritor, Professor)

Tão humanamente dramático e esteticamente complexo, contraditório, paroxístico é o caso de Fialho de Almeida que dificilmente lhe encontraríamos paralelo na vida literária portuguesa dos fins do século XIX e começos do século XX.

Da inconciliável oposição entre a origem plebeia (filho de um mestre-escola e pequeno proprietário alentejano) e a aspiração à elegância requintada, às atitudes snobs, às estesias de uma cultura «decadente», resultam tanto as diatribes rancorosas do humilhado ajudante de farmácia, do estudante de medicina aprendiz de escritor, como as imitações do dandy, as grandes tiradas do «hiper-civilizado» que desdenha do provincianismo tacanho.

Em permanente conflito consigo próprio, José Valentim Fialho de Almeida, que Vila de Frades viu nascer em 1857, havia de projectar todos os seus furores, sarcasmos, revoltas, bem como as suas ambições, vaidades, êxtases artísticos numa obra desmedida em extensão, mas fragmentária, onde convizinham e se atropelam o conto, por vezes belíssimo, a crónica, a reportagem, a polémica bravia, à maneira lusitana, e os apontamentos críticos (ora brilhantemente su-

perficiais ora preciosos pelas descobertas intuitivas) sobre artes visuais, sobre música, sobre teatro, sobre literatura. Esta pluralidade de interesses, traduzida no imediatismo da escrita, enferma já a sua produção de desbarato, de incompletude, de facilidade.

No entanto, a referida acusação de fragmentarismo, de que o seu amigo e companheiro de geração M. Teixeira-Gomes eficientemente o defendeu, é injusta se aplicada a muitos dos contos, que, na sua efectiva perfeição textual, valem bem romances de quinhentas páginas.

A multiplicidade dos seus registos ia da anedota insólita e grotesca à delicadeza extrema de apontamentos ou contarelos, quase poemas, onde perpassam o etéreo e o sublime, como «A Princesinha das Rosas» e «A Taça do Rei de Tule», ao testemunho social exactíssimo, de uma indignação porventura epidérmica, mas que exemplarmente denuncia as injustiças do mundo rural. O mais célebre destes quadros acusatórios, em que Fialho «pinta» o inferno dos ganhões alentejanos, sujeitos à inclemência do clima e à exploração dos patrões, é o dos «Ceifeiros».

As virtudes e os defeitos do jorna-

1 TAVARES RODRIGUES, Urbano. (1993). «O Fialho de Almeida que Fica para o Futuro», in *A Horas e Desoras* / Aquilino, Teixeira-Gomes, Redol, Namora, Cardoso Pires, Saramago e outros mais: Lisboa, Edições Colibri, 1993, pp. 101-104.

A publicação neste Boletim foi autorizada pela SPA – 26/6/2024, PROCESSO N. 2024/7354, 2023/09/22



*Fotografia de José Maria Chaveiro*

lismo da época espelham-se no costumbrismo satírico, anedótico, amiúde verrinoso, e na exibição de enciclopedismo, de publicações suas a que não é estranho o magistério de «As Farpas», tais Pasquinadas (1890), Vida Irónica (1892) e Os Gatos (1889-1893). Note-se que Fialho contestava, no entanto, o ascendente de Ramalho Ortigão e sobretudo o de Eça de Queiroz, a quem preferia Camilo, reacção natural de todo o jovem escritor apostado em demolir a geração anterior. A estas obras compósitas e circunstanciais vieram postumamente juntar-se outros títulos como Barbear, Pentear..., Figuras de Destaque, Aves Migradoras, Saibam Quantos.

O melhor da obra de Fialho de Almeida consiste na ficção, que, aliás, se restringe ao conto: Contos (1881), A Cidade do Vício (1882), Lisboa Galante (1890), O País das Uvas (1893). Alguns

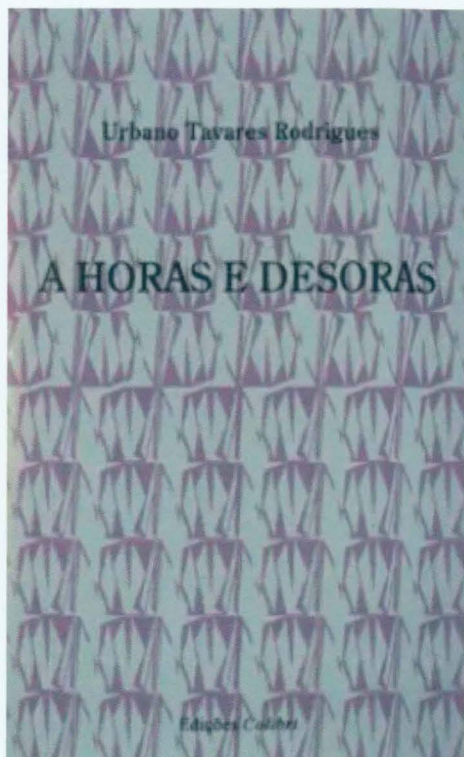
desses textos são autênticas obras-primas, tocadas de genialidade; a outros, pouca-os a busca, a todo o transe, do anómalo ou do esterquilíneo. Marcas do naturalismo e do simbolismo decadentista surgem nessa produção cheia de contrastes, onde Fialho tanto persegue o excepcional, o repugnante, o fantástico, o inédito, mesmo o inverosímil, como exalta, em aguarelas bucólicas, a virtude da simplicidade. Dois grandes espaços – o da cidade, quase sempre viscoso, e o do campo alentejano – aparecem nos contos de Fialho: o primeiro é povoado pela violência e pela luxúria, por um demonismo à Baudelaire, ou pelas suas bizarras sublimações; o segundo apresenta-nos, regra geral, a realidade «povo» sem falsos alindamentos.

A propósito do estilo de Fialho de Almeida, que não foi insensível ao mi-

to flaubertiano da prosa pura, podemos falar em impressionismo e em barroco. Jacinto do Prado Coelho, considerando o espírito de Fialho «decorativo e caricatural» invoca Elise Richter (*El impresionismo en el Lenguaje*) para definir com rigor o impressionismo da sua escrita: «apresenta no ponto central a impressão sensorial desligada das suas causas». E diz-nos ainda: «Mas o impressionismo de Fialho é de raiz estética; por outras palavras: o que mais o impressiona é o valor estético, ornamental, das coisas; deforma, pois, a realidade segundo uma concepção de beleza, que não é tanto a beleza sóbria das linhas arquitetónicas, ou a beleza espiritual das harmonias íntimas, como a graça decorativa que seduz os sentidos, o encanto dos bibelots, das colecções raras de bric-à-brac»<sup>1</sup>

Daqui se infere a maior importância concedida por Fialho ao ornato, ao acessório, do que à estrutura, tida pelos clássicos como fundamental. Se acrescentarmos a este gosto pela minudência e pela exterioridade, o caudal da frase, constelada de adjectivos e advérbios, exornada de palavras raras, de neologismos, de estrangeirismos e de metáforas imaginosas, por vezes até à extravagância, encontramos o Fialho barroco. Um dos aspectos mais relevantes da sua prosa é a música do período, cadenciado, cheio, equilibrando admiravelmente a prótase e a apódose.

Tal como o seu contemporâneo e



grande amigo M. Teixeira-Gomes, Fialho de Almeida evolui no sentido de um esteticismo cada vez mais pronunciado, decompondo a natureza em visões cenográficas, aguarelas e óleos à maneira deste ou daquele grande paisagista. Do mesmo modo, olhando o corpo humano, vê estátuas, pormenores escultóricos ou encontra subtilidades de Greuze, traços de Rafael, sorrisos de Murillo, linhas helénicas. Não raro as suas personagens são elas próprias artistas, como em «A Madona do Campo Santo».

Em 1893 Fialho de Almeida casou-se e regressou a Vila de Frades, ao

<sup>1</sup> Jacinto do Prado Coelho, Fialho de Almeida – Introdução, Selecção de Textos e Notas, Sociedade Editorial e Livreira Lda, Livraria Rodrigues, Lisboa, 1944, pp. 38, 39.

mundo aldeão que sempre estimulava fortemente o seu realismo.

É, de facto, o Alentejo, na sua obra, o teatro, sem ouropéis, da luta do homem com a natureza adusta, com as regras da sociedade, lugar do cio e também do amor, onde se irmanam homens e animais num vigoroso cântico à terra madre. Ao seu contacto, o reconstrutor do real atinge os pontos mais altos da sua escrita, a mais conseguida artisticamente, até porque mais atenta a reproduzir a vida (tanto quanto pode a literatura fazê-lo) do que a sublinhar outras formas de arte. Contos como «Idílio Triste», «Mater Dolorosa», «Conto do Natal» afirmam a pujança de um talento que nem sempre encontra – assim tinha de ser – o caminho mais directo para a sua plena realização.

Concebeu Fialho uma ficção de amplo fôlego, com muito de depoimento, «Os Cavadores», que afinal nunca chegou a redigir, embora dela nos tenha deixado notas avulsas, registo de incidentes.<sup>2</sup>

Politicamente, socialmente, o Fia-

lho de Almeida revolucionário, solidário com os pobres, dos anos da sua juventude descontente, traumatizada pela sua situação subalterna, retraiu-se algum tanto ao contacto com a herança familiar, que ele próprio, administrador cordato, mas zeloso dos seus bens, havia de ainda acrescentar. Deixou-nos, é certo, páginas de lúcida reflexão sobre reformas económicas e agrárias que preconizava para o Alentejo (hidráulica, florestação, parcelamento de grandes domínios) e a monografia sobre o Castelo de Alvi-to, onde se expande um forte sentimento regionalista.

Mas o que importa, para o futuro, para as sucessivas gerações de leitores, é sempre muito menos o escritor do que a obra. E essa fala-nos de um patriarcalismo tolstoiano, do sofrimento do valador nos arrozais, do maltês perseguido, dos ceifeiros, no seu inferno, de olhos chamuscados, movendo-se automaticamente, aos tropos-galhopos, na «terra devorada ao sol feroz». É o que fica sobretudo do Alentejo fialhesco.

2 Conferir Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Fialho e o Alentejo», in *O País das Uvas*, 10. edição revista e prefaciada por Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Clássica Editora, 1946, pp. 25, 26.

# Nota sobre «contos e contistas» de Fialho de Almeida

■ Emília Salvado Borges (CLEPUL)

«Contos e Contistas – A Comédia do Amor» é o título de um artigo de Fialho de Almeida, que achamos de grande interesse, e que, sob o pseudónimo de Valentim Demónio, aparece publicado em *O Correio da Manhã*, de Lisboa, em 1896<sup>1</sup>, curiosamente quando o escritor já não colaborava com aquele periódico.

Importa, portanto, antes de tudo, passar em breve revista a colaboração de Fialho, não só com este jornal, mas também com os dois periódicos que o precederam, todos eles liderados por Pinheiro Chagas.

A primeira colaboração fialhiana num periódico de Pinheiro Chagas, o *Diário da Manhã*, data de Abril de 1880, curiosamente, alguns dias depois da resposta que Fialho dera ao artigo que Chagas publicara em *O Atlântico* criticando os escritores realistas. Fialho, numa carta aberta ao autor, sai em defesa dos novos escritores, carta esta que muitos consideram o seu manifesto naturalista. Reconhecendo, certamente, as qualidades do jovem polemista, Pinheiro Chagas convida-o a colaborar no *Diário da Manhã*, onde, ao longo desse ano, o escritor alentejano publica alguns contos.

Em fins de 1884, Chagas desiste do projecto do *Diário da Manhã* e funda

um novo periódico – *Correio da Manhã* –, cujo primeiro número aparece no dia 1 de Dezembro de 1884. Desde o seu início, Fialho de Almeida é um dos seus colaboradores. No novo jornal, o escritor continua a publicar contos (a maior parte deles já publicados anteriormente), crítica literária, artística e teatral, ensaios e pequenas notas. Os dois primeiros contos ali publicados foram-no sob o pseudónimo de Valentim Demónio. Não que valesse a pena esconder-se sob pseudónimo: na véspera da publicação do segundo conto, o próprio jornal anunciara que, no dia seguinte, seria publicado um conto de Fialho de Almeida, colocando entre parêntesis o respectivo pseudónimo.

Valentim Demónio foi, de facto, o primeiro pseudónimo usado por Fialho de Almeida. Criara-o em 1879, quando começara a assinar a coluna «Can-Can» do *Novidades* e, depois, usou-o ao longo dos anos, alternando com os seus outros pseudónimos – Irkan e Quidam –, em muitos outros periódicos.

Ao longo do ano de 1885, porém, Valentim Demónio desaparece e é Fialho de Almeida quem assina todas as publicações no *Correio da Manhã*. Em 1886, voltam a predominar os textos assinados sob o pseudónimo de

<sup>1</sup> Valentim Demónio, «Cartas de Verão – (Contos e Contistas – A Comédia do Amor)», *O Correio da Manhã* (Lx), n.º 62, 29-8-1896, p. 2.



Valentim Demónio e só lá bem no fim do ano é que aparece no *Suplemento Literário*, um texto assinado por Fialho de Almeida. Em Maio de 1887, Valentim Demónio assina, de novo, uma crítica literária.

Os textos publicados em o *Correio da Manhã* não têm todos, como é ób-

vio, a mesma qualidade. Para além dos ensaios sobre Pinheiro Chagas e Eça de Queirós e da maior parte dos contos, merecem referência alguns apontamentos das suas críticas literárias.

É precisamente um desses textos que consideramos relevante. É tam-

bém assinado por Valentim Demónio, intitula-se «Contos e Contistas – A Comédia do Amor» e foi publicado em 1896. Porquê nesta data, quando, quer Fialho de Almeida quer Valentim Demónio, tinham deixado de aparecer como colaboradores do jornal em 1887? Claro que o periódico tinha continuado atento ao escritor, mas o que é certo é que nunca mais tinham aparecido publicações suas nas páginas do jornal lisboeta. É, portanto, inusitado, que, passada uma década sobre a colaboração de Fialho de Almeida com o *Correio da Manhã* apareça publicado, em 1896, um artigo seu.

Convenhamos que o jornal que o publica não é já o jornal *Correio da Manhã*, fundado por Pinheiro Chagas, mas o jornal que veio substituí-lo a partir de 18 de Junho de 1896 e que se intitula *O Correio da Manhã*. No âmbito da aplicação da lei de 13 de Fevereiro de 1896, promulgada pelo governo de Hintze Ribeiro, cujo objectivo principal era proibir o anarquismo, mas que acabou por visar toda a oposição ao regime, o *Correio da Manhã* foi obrigado a fechar, no dia 10 de Junho, por ter publicado notícias sobre o atentado anarquista de Barcelona. Contudo, oito dias depois, um novo jornal surgiu: bastou inserir o artigo *O* antes do título habitual para que o título do periódico fosse outro e oficialmente fosse outro também o jornal. É neste novo periódico que aparece, na coluna «Cartas

de Verão», o artigo que referimos.

É um artigo com algumas originalidades no contexto da obra fialhiana. Em primeiro lugar, porque continua a ser assinado com o pseudónimo de Valentim Demónio que o escritor não usava desde 1888; em segundo lugar, porque nele faz a crítica literária a um livro que fora publicado treze anos antes – *A Comédia do Amor*, da autoria de Guiomar Torresão, publicado em 1883<sup>2</sup> e, em terceiro lugar, porque o escritor aparece não só como crítico literário, mas também como teorizador literário.

Se lhe foi expressamente solicitado um artigo para o novo jornal, poderia ter acontecido que tivesse lançado mão de um velho artigo que nunca enviara para publicação e o tivesse enviado agora, sem o actualizar. Mas sabemos que assim não foi. Num artigo de 1885 sobre Guiomar Torresão, Fialho, ou melhor, Valentim Demónio, fala deste livro da autora e diz expressamente: «Já tivemos ocasião, não sei onde, de escrever sobre este livro muitas coisas sinceras e gentis. Então lhe exaltámos o trabalho da filigrana do entrecho, dizendo as múltiplas *núances* do estilo, a flexibilidade grácil das imagens, a delicadeza das figuras, e a preciosa música que deixa no espírito, a leitura de toda aquela prosa ridente e delicada».<sup>3</sup>

Fialho referia-se certamente ao artigo «Contos e Contistas – A Comédia do Amor» texto onde analisara o livro da autora, que deveras apreciava. Por-

2 Charivari, «A Comédia do Amor por Guiomar Torresão», *Jornal da Noite* (Lx<sup>a</sup>), 16-9-1883, p. 2.

3 Valentim Demónio, «Guiomar Torresão», *O Contemporâneo*, n.º 151, 1885, p. 2.

tanto, é certo que o artigo de que falamos não é de 1896, mas sim de 1883 ou de 1884 e que foi enviado para publicação num qualquer periódico, de que o escritor nem sequer recorda o nome.

Desconhecemos também onde pode ter sido publicado. Não parece muito verosímil que tenha sido enviado para o *Correio da Manhã* que só iniciou a publicação no início de Dezembro. E o facto de o livro de Guiomar Torreção ter saído em Setembro significa que a crítica ao mesmo teria sido escrita, o mais tardar, em Outubro. Portanto, Fialho poderá ter enviado o artigo para o *Diário da Manhã*, cujo último número saiu a 12 de Novembro de 1884, enquanto o novo jornal *Correio da Manhã* se iniciou em 1 de Dezembro seguinte. Naquela época de mudança, o artigo poderia ter ficado esquecido na redacção, até que foi repescado, em 1896, pelo periódico que, por sua vez, substituiu o *Correio da Manhã*. O artigo terá sido escrito, portanto, pelos anos de 1883-84 e a sua publicação em 1896 é um acaso fortuito e trata-se de uma republicação.

Mas, mais do que a crítica literária ao livro de contos de Guiomar Torreção, é o posicionamento crítico de Fialho sobre o género conto, modalidade de escrita que, nessa época, ele próprio ainda praticava com muito êxito, que achamos interessante.

Num tom de grande distanciamento, como se não fosse também contista, mas tão somente crítico literário, Fialho teoriza sobre essa modalidade

de escrita, que, sendo tão antiga, fora sendo relegada para a categoria de «género menor», mas que voltara a estar na moda, de tal modo que até lhe chamavam «nova». Moda certamente efémera, que, em sua opinião, duraria apenas «alguns dias ou algumas horas».

Revelando estar a par das modernas teorias sobre o conto, sobretudo as de Edgar Poe, e mostrando conhecer de perto autores de narrativas curtas, quer anglo-saxónicos quer russos, e precedendo até, entre nós, as opiniões de Eça de Queirós, de Alberto Braga ou de Trindade Coelho, que também teorizaram sobre este género literário<sup>4</sup>, Fialho de Almeida considera que o conto deve causar uma «impressão vibrante que choca de súbito» o leitor, «como uma descarga eléctrica». Para além desta «intenção de efeito», o conto deveria ser tão breve que permitisse ser lido de um só fôlego, sem quebras, o que não acontecia com a leitura de um romance. Hierarquizando os géneros, Poe considerara mesmo o romance abaixo do conto por não poder ser lido de uma só vez.

Fialho afirma que o conto, «fórmula literária» de agrado geral, era absolutamente adequada a uma época em que todos tinham pressa e não tinham «paciência para ler tragédias nuns poucos de volumes». Com humor, Fialho compara o conto a um medicamento digestivo que alivia o leitor de uma indigestão de leituras longas e pesadas. A aceleração

4 Mónica Serpa Cabral, «O estudo do conto em Portugal: do século XVII à actualidade», *Máthesis*, n.º 22, 2013, pp. 168-170.

do quotidiano, sobretudo nas grandes cidades, e o desenvolvimento da imprensa periódica que criara novos hábitos de leitura tinham, de facto, criado condições para a reabilitação do conto: «Ele aparece nos rés-do-chão dos jornais, espreita garotamente nas páginas das revistas, e leva a sua audácia ao ponto insólito de se fixar em volumes, mais ou menos nitidamente impressos», diz Fialho.

Colocando-se na posição do crítico, até mesmo do crítico que não conhecesse também ele o ofício de contista, veicula a opinião de que o conto é uma «literatura difícil, para a qual são requeridas faculdades especiais», ou, pelo menos, é isso que dizem os contistas «a fim de melhor venderem talvez o seu peixe». Porque o diz neste tom irónico e com tanto distanciamento? Desvalorização dessas opiniões, numa época em que ainda tinha projectos de escrever um romance? Ou, pelo contrário, está de tal modo convicto de quanta mestria é precisa para o contista conseguir a tal frase perfeita, essa «adorável frase sublinhada, finamente risonha, e graciosamente dita» que vale um capítulo de romance, para que o diga neste tom des preocupado?

Reflete depois sobre o escasso número de contistas em Portugal. Excluindo-se a si e a muitos outros desse rol, cita apenas, como contistas de referência, Júlio Dinis e a sua obra *Os*

*Serões da Província*, «limpidamente escritos num estilo idílico», de inspiração inglesa e já um pouco fora de moda e Eça de Queirós, que assinara «dois magníficos bocados do género», *Singularidades duma rapariga loira* e *o Mandarin*, também este inspirado num autor estrangeiro, Léon Gozlan. Para além destes dois escritores, Fialho refere ainda Teixeira de Queirós, autor de alguns contos «pitorescamente aguarelados». Todavia, como refere, em Portugal o conto era entendido «como um capítulo isolado de romance», uma cena entre alguns personagens, escrita «em moldes conhecidos e *tics* consagrados», género a que o escritor chama de «anedótico», mas que, ironicamente, também praticava. Veja-se apenas o exemplo do seu conto «Aquilo além!...», a que dá o subtítulo de «Página de um romance».<sup>5</sup>

Em França havia, segundo opina, «notabilíssimos modelos» de contistas que, com uma frase perfeita resumiam tudo aquilo que «o romance esboçaria em mais de um capítulo». Cita os casos de Catulle Mendès, Léon Gozlan, Carlos Nodier e do grande Balzac.

Fialho conhece os contistas franceses no original e os contistas estrangeiros de que fala através das traduções francesas. Tem, por exemplo, na sua livreria, a edição francesa, de 1875, de *Histoires Grotesques et Sérieuses* de Edgar Poe; a edição fran-

5 Em 1886 (e depois em 1890 e 1892, em republicações do artigo original), Fialho voltará à questão do conto acentuando, sobretudo, a falta de originalidade dos contos e dos contistas portugueses. Cf. Valentim Demónio, «Do Chiado ao Martinho», *O Interesse Público*, n.º 48, 9-5-1886, p. 2; Fialho de Almeida, «*Prosas Simples* – Lisboa, 15 de Fevereiro de 1890», *O Estado de S. Paulo* (SP), 19-3-1890, p. 1; idem, «Capítulo IV – Em Abril – Primavera: as *Prosas Simples* e papel salutar dos livros castos», *Vida Irónica* [1892], Livreria Clássica Editora, Lisboa, pp. 163-166.

cesa, de 1876, de *Contes Étranges* de Nathaniel Hawthorne e a edição francesa, de 1879, de *A Koloma – Contes juifs et petits russiens* de Sacher Masoch, para além de dezenas de obras de Balzac.

Uma constatação do escritor é a de que, em Portugal, os contistas «alucinados» que cultivavam «o conto fantástico», não tinham seguidores: quer os que, como Nathaniel Hawthorne, William Warren, Sacher-Masoch e Bret Harte, cultivavam «o simples fantástico de formas serenas, lapidado como uma pequenina joia virginal, todo refulgente de asas multicores, e alado em *reveries* delicadíssimas», quer os que, como Nicolau Gogol, Edgar Poe e Gerardo de Nerval, revelavam uma «imaginação convulsa, apunhalada de remorsos, cheia de visões de sangue, possuída dum sonambulismo ao mesmo tempo disparatado e lúcido». Fialho afirma que, em Portugal, este tipo de conto não tinha seguidores, porque aqui «a fantasia dos artistas jamais se esguedelha». Quando muito, talvez apenas Álvaro do Carvalho, «o desesperado», tivesse afinidades com Poe. Nestas suas referências Fialho esquece, inadvertida ou propositadamente, Teófilo Braga, que, em 1865, publicara *Contos Fantásticos*. Ou talvez não os considerasse, verdadeiramente, contos desse género.

No seu papel de crítico e de teorizador do género, Fialho não confessa que, de vez em quando, a sua fantasia «se esguedelha» e que se torna, também ele, um contista «alucinado», «um doente, com maus nervos e más digestões», que escreve contos fantás-

ticos, desde o fantástico de «formas serenas» até ao fantástico onde o sobrenatural se cruza com o gótico, com o grotesco, o bizarro, o macabro, o disforme, o repugnante e o demoníaco. Aliás, como contista, pelos anos de 1880, já Fialho experimentara todos os géneros: os contos tradicionais, os contos infantis, os contos de inspiração regionalista e também os contos maravilhosos e fantásticos.

Este seu artigo, a que chamou «Contos e Contistas», é, claramente, uma apologia de um género literário que cultivava e para o qual revelava confirmadas e apreciadas qualidades. cremos que, como contista, Fialho tinha mesmo aquele dom que reconhecia nos grandes contistas franceses: o «génio raro para esboçar estas pequeninas telas, que requerem sobretudo a finura».

### Referências bibliográficas:

#### 1. Artigos assinados por Fialho de Almeida

ALMEIDA, Fialho de *Prosas Simples* – Lisboa, 15 de Fevereiro de 1890», *O Estado de S. Paulo* (SP), 19-3-1890, p. 1.

....., «Capítulo IV – Em Abril – Primavera: as *Prosas Simples* e papel salutar dos livros castos», *Vida Irónica* [1892], Livraria Clássica Editora, Lisboa, ed. de 1957, pp. 161-167

#### 2. Artigos assinados com o pseudónimo Valentim Demónio

DEMÓNIO, Valentim, «Guimar Torresã», *O Contemporâneo*, n.º 151, 1885, p. 2.

....., «Do Chiado ao Martinho», *O Interesse Público*, n.º 48, 9-5-1886, p. 2.

....., «Cartas de Verão – (Contos e Contistas – *A Comédia do Amor*)», *O Correio da Manhã* (Lx), n.º 62, 29-8-1896, p. 2

#### 3. Outros autores

CABRAL, Mónica Serpa, «O estudo do conto em Portugal: do século XVII à actualidade», *Mathe-sis*, n.º 22, 2013, pp. 168-170.

CHARIVARI, «*A Comédia do Amor* por Guimar Torresão», *Jornal da Noite* (Lx<sup>a</sup>), 16-9-1883, p. 2.

# *Fialho de Almeida e a questão social*

■ **Abílio Amiguiinho** (Professor Coordenador aposentado da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre)

Perdoem-me a ousadia.

Se ao longo da minha vida fui escrevendo sobre diversos temas e em diferentes âmbitos, nunca me atrevi neste.

Arrisquei, aceitando, a medo, o pedido, mas navegando no gosto e no entusiasmo que nutro pela obra de Fialho à qual voltei, também, nesta fase da minha vida em que me pus a escrever crónicas, contos e outros escritos sobre a paisagem alentejana. E o nosso autor foi exímio nesta literatura curta, incutindo-lhe um interesse que outros não conseguiram noutros géneros mais suscetíveis de impacto e, apesar de tentarem, jamais hão-de conseguir confiná-lo ao epíteto depreciativo de regionalista. A sua literatura é, será sempre, não só nacional como supra a tudo isso. Finalmente, porque também subscrevo a tese do desconhecimento do valor inestimável do que escreveu. E, assim, me saiu este modestíssimo contributo para a sua compreensão, para que seja colocado no lugar que lhe devemos, mas que outros ignoraram.

## *Fialho e os outros*

No prefácio à segunda edição do *Através dos Campos* do meu conterrâneo José da Silva Picão (1957), o autor do mesmo refere Trindade Coelho como tendo sugerido aquela notá-

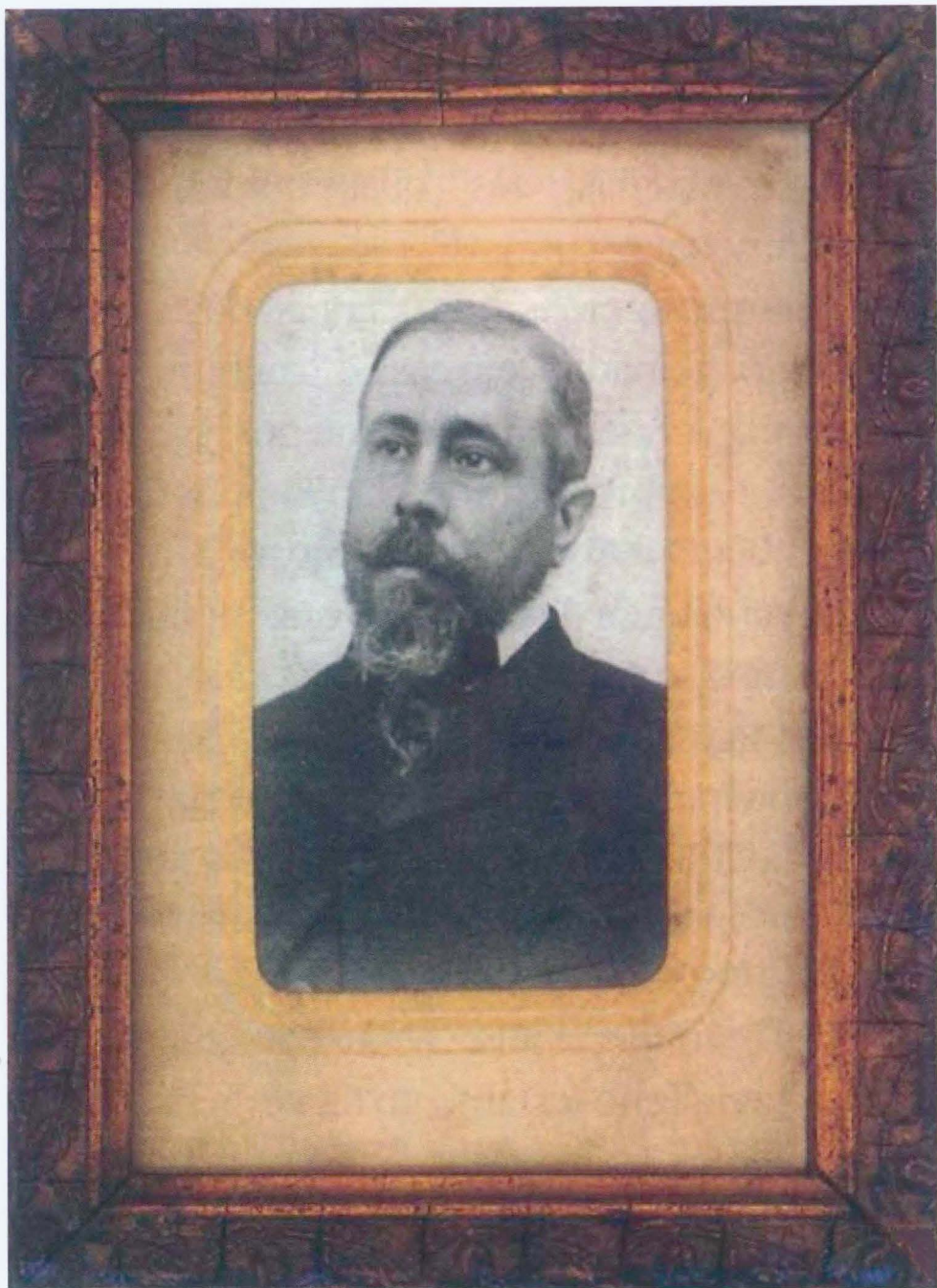
vel obra a Fialho de Almeida, insinuando mesmo que não sabia o que perdia, dado que suspeitava que o não conhecesse.

«Já falei do livro ao Fialho de Almeida. Vou-o procurar para lhe ralhar se ainda não o leu».

Curiosamente, no mesmo prefácio, o autor refere-se também a António Sardinha, que contrapunha a verdade da obra, na sua autenticidade etnográfica, e de um viver harmonioso, contrapondo-a à denúncia das pretensas injustiças sociais a que os realistas e neorrealistas em ascensão procediam afincadamente, supostamente preparando o caminho revolucionário para os amanhãs que haviam de vir.

Do que conheço de Trindade Coelho, que foi, durante tempos, Delegado do Ministério Público em Portalegre, não era exatamente esse o motivo pelo qual o recomendava a Fialho de Almeida. Bem sei que este autor era conhecido pelo Mestre do Conto Rústico. Contista dos espaços ou das paisagens rurais, com pessoas e animais dentro e no seu quotidiano e difícil labor, deixou escapar ou intencionalmente fez de alguns deles, reparações de injustiças a que assistiu, na barra do tribunal, a favor dos mais fracos e desprotegidos.

Silva Picão era também Lavrador e Proprietário e tinha pelo Alentejo, pai-



sagens, gentes costumes e modos de vida, uma atração e um fascínio que o levou a escrever aquele livro e ainda a novela a *Caminho da Cegonha*. Foi implacável com vagabundos e malte-

ses, aprovava as relações de produção e de trabalho, mas, como leitor de Zola e de Balzac e outros, totalmente autodidata, estava longe dos integralistas. Um sinal claro está no modo

como descreve e analisa a condição social, profundamente injusta, de exploração, sofrimento e dor dos Ratinhos, ceifeiros que vinham das Beirras, no que pode ser lido como uma crítica severa ao oportunismo de outros lavradores que, talvez pela sua erudição, o consideravam meio lorpa.

Inclino-me a sugerir que possa ter sido a leitura de páginas como estas, de um realismo interventivo que revolta, que levou Trindade Coelho a falar de Silva Picão ao seu amigo Fialho, autor de «Ceifeiros».

Justamente porque nos «Ceifeiros», literariamente falando, a solidariedade para com os pobres atinge o seu ponto mais alto. A ponto de um dos Saraivas, o Hermano, não gostando dele, pelo seu errático percurso social e político, ter referido que foi essa solidariedade que, principalmente o distinguiu. É crítico também do modo como Fialho teve dificuldade em assumir-se na sua condição social, sendo rico querendo ser pobre, opinião já antes antecipada por Jacinto do Prado Coelho. Fialho não caiu no goto dos Saraivas e muito menos de António José Saraiva. Só faltou, à semelhança de Prado Coelho, que aplicasse os termos verborreia e choradinho para falar da sua escrita, mas aludiu ao floreado injustificado e imperceptível dos escritos de Fialho, acrescentando o uso estranho de palavras inesperadas.

Muitos não lhe perdoaram também como, ao longo da vida, foi falhando os seus planos sobre o que dizia querer escrever e, sobretudo, por nunca no meio de tudo isso ter escrito um

romance sequer, para onde parecia querer partir depois de escrever as belas novelas das *Aves migradoras*, (Almeida, 1922) que aprecio, particularmente, a par dos seus inspiradores contos em várias obras. Outros dirão o mesmo da «Ruiva» o maior e de mais enredo dos seus *Contos* (Almeida, 1971).

Até Raul Brandão (2005), que se considerava seu discípulo, não o poupava nesta irregularidade do seu trajeto literário também refletido no valor nem sempre igual do que foi escrevendo. Crítica porventura das mais mordazes é a que faz ao livro *À esquina* onde os Ceifeiros não ficam nada bem, por um reconhecido excesso de qualidade no meio do resto.

*«Acabo de ler este livro (...) quase em desespero. Ia atrás de um sonho enorme, da máxima beleza, da sufocação do espanto, e afora meia dúzia de páginas rafaelescas sobre os ceifeiros o resto mirra-se inutilmente nas mãos. É um livro inferior – mas entenda-se bem – um livro inferior para uma grande figura que o assina»* (p. 46)

Atrevendo-se:

*«(...) um feroz ditador que nos desse a alegria formidável de o acorrentar – e de lhe bater, se preciso fosse, até que ele acabasse a obra prima do seu génio!... Com que entusiasmo o saudáramos, porque os escritores como Fialho não se pertencem: (...)»* (p. 48)

Já que:

*(...) Deu-lhe Deus o mais rico quinhão que amañhar se pode, para ele o desperdiçar em frioleiras! A língua*

*incomparável com que se exprime a dor e a quimera, para Fialho nos narrar os casos banais da existência! Pela sua boca poderiam falar todos os que sofrem ou se consomem no sonho, as estrelas, o prodigioso universo – e a gente ouve, em vez do estrépito da torrente, que tudo levaria diante de si, num magnífico ímpeto, o tombar de uma levada inútil (...)» (p. 47)*

Para Brandão, Fialho tinha tudo na alma «(...) se o virassem de avesso escorria sonho e ternura». Também por isso, foi aos arranques, com grandes méritos literários que, com frequência, se sucedem a supostos fracassos, que o enalteceu.

Conhecia eu os «Ceifeiros», mas não todo o livro. A curiosidade levou-me a adquiri-lo num alfarrabista, vício que tenho, e foi lá que fui encontrar uma peça autobiográfica que fez crescer em mim a admiração por Fialho. Foi desta forma que se atirou, certamente, aos que já se sentiam arranhados pelos seus Gatos:

*«Aí tem V. pouco mais ou menos a história do homem de letras que alguns criticam e têm apodado de vaidoso e tópicos mais que necessários para a minha misantropia e essência literária. Está vendo já donde procedem algumas das sensibilidades especiais que melhor ou pior contem a minha prosa: o sentimento da paisagem nascido da minha origem de aldeão contemplador; as predileções por assuntos humildes, inspiradas numa longa e quase exclusiva convivência entre as classes inferiores; e, enfim, todas as minhas sedes*

*ásperas de justiça, reação natural da minha índole singela contra os despotismos de uma sociedade que durante anos a trouxe enrodilhada nos pés continuamente».* (p. XIV)

Sentimento de paisagem, pois claro. Eis-nos perante uma figura nova, que, como diz, marca profundamente a sua prosa, e sobre a qual creio que hoje se pode extrapolar. Primeiro, a partir da escrita do nosso autor que, a cada linha que escreve, revela a paisagem recheada de elementos naturais e sociais que se interligam intrincadamente, com frequência, para dificultar a vida, mas também para dela fruir. Sentimento não é, está esclarecido, apenas observação. É vê-la, mais do que olhá-la, é escutá-la, mais do que ouvi-la, é lê-la e interpretá-la em todas as suas dimensões, mais do que apreciá-la. Como o secunda Manuel da Fonseca, com o título de um dos livros, precisamente *Pessoas na paisagem*; com o enredo, personagens e narrativa dos seus contos e romances; com os recados do editor e as reflexões em solilóquio nas *Crônicas Algarvias*, em que, para si, teve a necessidade de esclarecer que, justificada e evidentemente, escrever e relatar a paisagem era incidir sobre as pessoas, caracterizar quadros humanos, agruras, dor e sofrimento, entusiasmos, alegrias e cumplicidades. Finalmente, conferindo atualidade a Fialho, foi isso que afirmou a paisagem enquanto conceito e valor a preservar, para a causa ambiental, numa conceção alargada e plenamente fundamentada de ecossistema, (leia-se o conto «A águia») com

as pessoas e as comunidades humanas dentro, para o bem e para o mal, consolidada por reconhecidos protagonistas deste campo, como Gonçalo Ribeiro Teles, um dos meus professores na Universidade Évora; ou dando espessura, pela sua pena literária em diversos géneros ao conceito de território e de qualificação e de promoção a partir dele, que deixou de ter apenas uma dimensão física para ter também uma dimensão social, ou mesmo o seu fundo, como construíram as diversas ciências sociais e humanas. Vendo nisto um «local» que é «global» e, quicá, conferindo aos escritos de muitos autores alentejanos, na senda de Fialho, um carácter suprarregional à sua literatura, obrigando a rever classificações nos manuais de literatura. E já assim o dizia Jorge Amado, a propósito do *Trigo e o Joio* de Fernando Namora. As pessoas e a sua condição estavam ali globalmente retratadas, num Alentejo onde ele nunca tinha estado, mas ali se sentia pela leitura do livro.

Duma assentada, revela-se no abraçar fundamentado da questão social e da causa ecológica como hoje se diria, ou da paisagem que selaria com o lado naturalista da sua escrita, tornando Fialho se não o primeiro, dos primeiros contistas e novelistas do espaço, onde vivem, laboram e sofrem as gentes. Condição que lhe terá valido a consideração e o apreço de Antunes da Silva, escritor notável – e que muito aprecio – do Alentejo, que exaltou a sua cumplicidade com os pobres, apesar de Lavrador; diferentemente de outros que transformou

em personagens dos seus romances ditos neorrealistas. Mas nos quais, António Cândido Franco reconheceu originalidade, precisamente como romancista dos espaços, a meu ver também marcado pela herança de Fialho. E, tal como ele, enviado para a gaveta dos esquecimentos, assim como o poema que lhe dedicou (Marques, 2011).

Atento à obra de Fernando Pessoa (2014), a quem venerava, António José Saraiva (1996) terá lido esta passagem do seu *Livro do Desassossego*, justamente a 333, da edição de Jerónimo Pizarro, pela Tinta da China, escrita no final de 1931:

*«Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim, interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta dos outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.» (p. 420)*

Citei mais longamente por causa deste trio inusitado a que se refere embora por outras razões diversas, aparentemente. Não esclarece a que

ritmos verbais de Fialho se refere, mas tanto pode ser os que imprime aos «Ceifeiros» para expressar, como ninguém, aquela aliança em que natural e social se conjugam para castigar os homens, ou ao conto a Ruiva, ou a muitas outras peças da sua escrita. Ritmos que consegue através de uma linguagem muito própria como considera Cândido Ferreira.

Para Isabel Cristina Mateus (2011), é a *deskodakização* do real, nas próprias palavras de Fialho, ou a sua «despolarização» que captam a atenção de Pessoa, bem como a sua escrita fragmentada, para além, ou a propósito, dos ritmos verbais que esta lhe permite imprimir. Quanto haverá de Fialho na consideração pessoana de que o real só o é quando passa a literatura; ou na literalização de paisagens e os estados de espírito que lhe associa? Pergunto eu, sem saber se levo longe de mais esta minha ousadia. Numa edição espanhola do conto a «Ruiva», surge esta alusão no prefácio o que pode também remeter para interpretações afins. Um reconhecimento provavelmente não só pelo uso da língua portuguesa, e pela linguagem de Fialho, mas também por se manifestar encarnadamente contra qualquer enfeudamento em corrente literária, com tradução na negação de alinhamento com pensamentos políticos e endoutrinaamentos sociais. Sobre colagens ou rótulos literários, Fialho rir-se-ia e atiraria com sarcasmos aos que o colocaram sendo isto ou aquilo.

E aos que o colocaram até no positivismo ideológico, respondeu com o modo como se atirou, atrevidamente,

a um Eça (Almeida, 1969), quase venerado e seu defensor. Aos que o acusaram de incoerência política, manifestou nos seus escritos talvez aquilo que parecia um anarquista e um libertário, visionário e panfletário contra as diferentes formas de poder e de regime, à semelhança de como se furtou a fáceis submissões àqueles movimentos literários.

### No âmago da questão social

Escrever sobre a questão social em Fialho, coloca-nos desde logo no fulcro das suas peças literárias, porventura mais conhecidas «Ceifeiros» em *À Esquina* e «A Ruiva» em *Contos*.

A primeira, expondo a saga e a sina dos sofrendores camponeses alentejanos, na mais expressivamente dolorosa faina do trabalho rural; a segunda, sobre a odisseia triste e de profundo desfavor do Lumpen proletariado e das classes perigosas, estudadas pela sociologia emergente, ainda na primeira metade do século XIX, não por acaso de sinal contrário ao positivismo social.

Em os «Ceifeiros», no vernáculo da Assefa, os homens adultos ou mais jovens são farrapos humanos, corpos andrajosos, deformados e desfigurados *expressivamente* reportados, pela sua veia literária, retida nesta especificidade por Óscar Lopes.

«A ceifa, assefa, como eles dizem é o trabalho mais angustiado e estragador da gente alentejana (...) a agonia que seja viver aí enterrado, com a foice na mão, os olhos cegos, a boca em lama fétida, a pele dos dedos gretada pelo bisel cortante das gawe-

las (...) Trazem as pernas apolainadas de trapos, atados estes por cordas que se lhes entrecruzam, desde o sapato até às coxas, para defesa dos abrolhos do restolho; trazem nos braços e nas mãos peúgas velhas, de que fizeram mitenes contra as escoriações da palha ardente; e a cara mal se lhe vê por debaixo do chapéirão de feltro ou de palmeira, e o mover dos seus rins trai o derreamento de miseráveis envelhecidos pelas moideiras da fome e do trabalho». (p. 63/64)

Este excerto aproxima-nos do naturalismo definido na sua forma mais pura.

«Mas qual regressar! São nove horas apenas da manhã, e daí às três horas, o termómetro não fará se não subir. Começa então o pavoroso espectáculo da natureza e do homem, torturados a fogo para expiar o crime duma ter dado fruto, e de outro insistir em viver dele. O almoço dos ceifeiros é parco e sem vontade: pão seco, azeitonas, algum queijo de cabra ou laranjita mirrada e água! Água! Água, bebida pela boca dos cântaros em plena forja, ou de bruços nas poças cheios de limos, onde batráquios estavam, cor de lama, de olhos e extáticos no sol como faquires. Impaludismo, desinteria, tifo, o que eles bebem? Deixá-lo; a sede não reflecte; cada gota daquela podridão vale mil vidas; e são goladas e goladas, a cada instante o cântaro despeja-se, e o rapaz sai a melhorá-lo no charco próximo, que os cães turvaram banhando-se-lhe dentro, e de onde bandos de passaredo fogem, regalados. Meia ho-

ra de repouso depois após o almoço. Mas repouso aonde? Os arvoredos são raros, a terra escalda, e na rara sombra os insectos chacinam, furiosos. Ao mesmo tempo começa a fazer-se um inquietante silêncio na charneca, um silêncio oprimido, um silêncio irrespirável.» (p. 69)

Mas que pinta à sua maneira, na sua singularidade literária, de diversas intersecções, com recurso ao seu saber médico, para terminar desfocando a imagem, desfigurando homens e paisagem, acentuando o sofrimento de quem trabalha e a dureza das condições em que o pratica.

«Começam por vislumbres, vendo-se tudo subitamente amarelo de fogo, ou azul que com uma zoeira de ouvidos, té que no fim de 5 minutos é abolida a discriminação das formas, e fica apenas uma noção névoa, onde se movem sombras indistintas...» (p. 70)

Em a «Ruiva», com ele dentro da cena:

«- Prove-me do branco, doutor; prove-me do branco; que é uma reinação!

Com um pastelinho, não lhe conto nada...

Aqueles eram os meus amigos, perigosos amigos contraídos na intimidade do vício e no surdo deboche das tascas.

Sentava-me a Laureana vinha, sorrindo, servir-me; e o seu olho pardo, sequioso, acariciava a brancura do meu pescoço, apetecia os meus cabelos de um louro-claro, tons insípidos, sob as abas do chapéu esburacado. O seu hálito empestava a dez passos,

trazido nas asas do seu amor quente e brutal, de uma infâmia cheia de mercancia. Ouvindo-me pedir qualquer coisa, o olhar adoçava-se-lhe como o dessas gatas a quem coçamos o crânio; e eu sentia exalar-se dela um fartum de gorduras fundidas, que me perturbava. Nessa noite chegou o tio Farrusco. Era coveiro e o mais asqueroso – o da vala; aspeto repelente, perfil áspero e cortante, descarnadas as faces, as mãos aduncas e gastas, cheias de terra e de cabelos.» (p.5)

Prossegue pincelando despolarizadamente e com alusões fantasmagóricas o quadro social onde a prostituição e outras incivilidades o contornam, como a do coveiro hortelão que leva ao mercado, por interposta vendedora, couves e nabiças, cultivadas no cemitério, na terra fértil onde dormem os mortos.

E mais adiante:

«Carolina, pelo número e aspeto dos convidados de um enterro, chegara à perfeição de fixar a posição social de qualquer defunto. Os conselheiros reuniam graves figuras circumspectas de velhotes de luva preta e grandes pés, folgados em botas macias. Os condes faziam-se acompanhar dos coches da casa real, riqueza oxidada e rota, em que se sentiam os anos, os ratos e o óleo dos cabelos reais.» (p.12)

Carolina nasceu no dia da morte da mãe. E prosseguia, socialmente caracterizando:

«Dormiam numa casita arruinada e miseranda, oculta no fundo de um pátio sem luz de lampião, para onde

abriam as janelas de tabuinhas de casas suspeitas, em que marinheiros tocavam guitarra.» (p.15)

Ou ainda: «Quando estivera doente, com tosse e muita febre, ninguém dizia que ela escapava, a senhora Marcelina vinha dar-lhe caldos e fazer meia junto do seu leito de proletária.»

E assim vai até ao fim com a morte de Carolina, tísica e na desgraça própria, deformada e de todos atributos despojada, a sua saga e a de João. Da filha do coveiro, ainda mais baixo na escala social do que todos os outros na abjecta ocupação, como atesta a descrição do seu quotidiano. E do filho de pedreiro que também não escapou mais do que aos vícios da cidade, que servem despudoradamente aos ricos burgueses e ao que sobra de uma nobreza decadente, aviscondalhada, arrasta todos os outros pobres na indigência, abandono dos costumes e da moral, de portas abertas à depravação e à prostituição. Sempre à espreita, de resto, das falhas e das crises do trabalho proletário, da jorna miserável ou por pagar. Uma nova sociologia do quotidiano encontraria aí uma precursora e promissora abordagem etnográfica onde assenta a sua inovação de hoje.

Em os «Ceifeiros», as relações sociais de produção, colocam quem apenas tem braços para trabalhar, sem poder para negociar duras e longas jornadas de trabalho e a respetiva jorna à mercê das brutas e inclementes forças na natureza, que vergam corpos e os desfiguram; que os sujeita, inexoravelmente, a consequências sobre a já débil saúde.

As figuras sociais urbanas, em a «Ruiva» e outros escritos, violam sistematicamente as regras da civilidade, estão fora dos padrões sociais e à beira da delinquência ou criminalidade, se não vegetando já dentro dela, como modo de vida. Quiçá onde chegou mais longe nesta abordagem, conjugando fecundamente a sua subjetividade muito particular, com o seu naturalismo, com a decadência da fase final do romantismo, parnasianismo, simbolismo e até o expressionismo que Óscar Lopes lhe atribuiu convivendo com o impressionismo que também

lhe reconhecia. Quem sabe se não revelando também Fialho na sua singularidade, talvez fazendo oscilar por vezes, nas características dos seus escritos e na sua valia, tornando-o incompreendido, preferindo alguns ignorá-lo ou subestimá-lo ao longo de todo o século XX, até ser, finalmente, reconhecido como precursor do surrealismo e pioneiro do modernismo, no início deste.

Em Fialho, a questão social é questão de texto que raramente associa a opções políticas para a sua solução. Recheada de descrição dos espaços



e das pessoas dentro dele, tanto dos mais desfavorecidos que sofrem, como dos que vivem mais opulentamente, em menor número, como no contexto social, com aqueles a olhar de soslaio para estes. É pela descrição, porventura fragmentada, com laivos de parnasianismo, mas sempre com resquícios de naturalismo, por vezes de forma ora mais impressionista ora mais expressionista que faz valer a necessidade de justiça social (e territorial, da cidade em relação ao campo). O toque decadentista ainda da sua narrativa acentua a condição socio sanitária dos deserdados. São, pois, raras as narrativas que expressam um proselitismo político.

Mas a questão social em Fialho é transversal a praticamente todos os seus escritos, a que não escapam até as crônicas de viagem. Como sucede em *Estâncias d'Arte e de Saudade* (Almeida, 1921) ou nos *Cadernos de Viagem – Galiza 1905* (Almeida, 2022).

«O povo que vimos à meia encosta desde até à praia; é de pescadores e pobres gentes rasteiras. A parte abaixo da estrada é grande e compacta, uma série de casuchas pobres, sujas, e de calejuelas em degraus e rampas, velhíssimas puídas, lajeadas, de sórdido aspecto.» (p.38)

Nestes cadernos, a dura labuta das mulheres é também invocada. Ainda por cima algumas delas, as viúvas sujeitas à hipócrita volúpia de cónegos «fod....s», para acrescentar: «um formigueiro de galegas de botas com sola de pau, fétidas, com as mãos rugosas expostas, que se arrastam de joelhos de roda do oratório de Santo

Cristo (...) (p. 165) estes atos de piedade exagerada podem ver-se na gente rústica e nas mulheres.

Curiosamente, algo que parece ter marcado profundamente Raul Brandão no seu belo *As Ilhas Desconhecidas* (Brandão, 2011), onde, com frequência, se detém discorrendo sobre como se pode viver, assegurando o sustento, naqueles ermos que atrapalham e dificultam a existência.

«Idílio Triste» um dos contos do *País das Uvas* (1987) de que mais gosto, é, em si, uma das mais belas peças literárias sobre a paisagem com gente dentro, mas toda a envolvente social é marcada pela indigência dos que a habitam, que fortalece os sentimentos amorosos – a boieira, o pai que fica cego e o maltês. A epopeia do maltês será cantada em verso por Manuel da Fonseca, facto marcante da nossa literatura sobre o Alentejo, culminado na obra do escritor de *Cerro Maior* a omnipresente sina desta figura social. Também ele, neorrealista que expôs literariamente a sanha de muitos lavradores, apreciava Fialho de Almeida, que também retratou e tipificou a condição do maltês, no limbo entre a aceitação social e a vagabundagem das classes perigosas, principalmente por razões sociais, mas também políticas, e também não lhe terá sido alheia a razão que fez o maltês do «Idílio Triste» ser recrutado para o serviço militar em vez do filho do poderoso Lavrador.

Em os *Gatos* (1992), onde a crítica social sobe de tom, não faltam narrativas sobre o mal viver e o mal habitar.

«Nos bairros velhos (de Setúbal), como as construções primitivas, nullo o conforto, e a higiene um mero acinte, acontece que a podridão dos lares corre nas ruas, descoberta, em jorros negros, cujo fartum humano se intromete ao do peixe podre, e aos dos monturos acogulados pelos cantos. Esta povoação de meias sujas, velha e mesquinha, espécie de Ribeira Velha complicada de Alfama e Cruzes da Sé alastra-se à beira-rio de um leque branco cicuntornado de pomares e de arvoredos, para além de cuja fimbria se alteia depois um aro de serras magnificas, com tiaras de rochas e pinhais» (p.8/9)

Sobre a cidade edificada, tomada de vício, contrapõe o abandono do campo e da província. Ali não se vê: «(...) uma tentativa de restauração vitícola, um ensaio de cultura nova, uma empresa de arroteio e de transformação de terras baldias, uma grande rouparia ou uma granja modelo, a que esses argentários tenham querido entregar o seu dinheiro».

Então, o que reputa de «sociologicamente» (a palavra é dele) relevante e «trava uma guerra de raças»:

«(...) o aferro condicional do trabalho, o espírito de ordem, o sentimento de economia e os hábitos certos, e os afetos familiares que na província têm quase todos (...) na «passagem desta gente dos seus lugares natais, para um acampamento promíscuo como este à beira do Tejo – esta passagem que só lhe deslumbra saloiamente os olhos – depois fere-os no peito, entra a contamina-los de to-

dos os vícios e de todos os fastios da vida alfacinha, desencaminha-os da sociedade primeva, para os esgotos do gozo dia a dia, e completa afinal a sua obra, quando lisboetizados os ricos em janotas, e os pobres em fadistas, acaba por lhes tirar um pouco o que lhe trazia de bom, das suas terras» (p.63)

Coerente com a sua abordagem da questão social e o modo como se tornou solidário com os pobres foi o que testamentou, distribuindo bens pelos necessitados e indo ao encontro da sua filantropia educativa. Aparenta ser o corolário lógico de uma abordagem da parcelar questão educativa na mais abrangente questão social.

Num conto autobiográfico, marcou a sua mágoa da escola, e na sua inteligente e suprema ironia, expressa como o colégio interno, para que o pai o enviou, para além do mais, transfigurou os seus, aos seus olhos, ao distanciá-los dele. Só deste ponto de vista se consegue perceber a carga misantrópica do texto quando a eles se refere. Paulo, ele próprio, chapadinho, um rapaz pobre de aldeia, interno de um colégio «acordado no dormitório, horas e horas, sentia que a sua vida seria sempre aquela, subalterna, picada de defeitos, lutuosa de sujeição e de baixeza (...) vegetando por baixo dos afagos dos mestres, empalado nas formalidades civis dos pedagogos, por cuja obediência nas escolas portuguesas se sai premiado dois ou três anos, e se fica idiota toda a vida» (p. 139) Do conto «Pedro e Paulo», em *Lisboa Galante* (Almeida, 1991).

Mas, em Fialho, a questão educati-

va é muito mais do que uma parte da questão social. É uma questão de princípio e de ação política. A educação e a cultura eram a alavanca para a formação de uma opinião pública esclarecida e interventiva, afrontando todo o tipo de poder estabelecido. Ele, leitor de Bakunine, via aqui a possibilidade libertária que não reconhecia nem na república nem na monarquia.

Como sobre ele escreveu Ricardo Revez, a propósito do seu pensamento político:

*«A importância dada por Fialho e à educação e à necessidade da sua reforma prende-se exatamente com esta questão: o ensino secundário liceal e o ensino superior deviam formar elites; o ensino primário deveria contribuir juntamente com as elites, sobretudo os intelectuais, para transformar a grande massa da população numa opinião pública esclarecida; esta opinião pública deveria fiscalizar e suportar as ações dos governantes e apoiar a tenta-*

*tiva das elites intelectuais em influenciar positivamente esta mesma ação»* (p. 181)

Começava na creche, prosseguia com a primária (como testemunhou quando legou verbas para construção de edifícios escolares) e por aí adiante com uma pedagogia que fizesse valer aqueles intentos.

É que, politicamente surpreendido, ao acordar no Hotel Frankfurt, em Lisboa, pelo 5 de outubro de 1910, não tardou a voltar para Cuba/Vila de Frades. Confidenciou ao seu amigo Sebastião Pulido, comentando o êxito dos revolucionários: «Não fazem nada pode crer. Conheço-os a todos como se os tivesse dado à luz».

Brito Camacho, outro dos meus escritores alentejanos de eleição, com quem Fialho de Almeida estava de relações cortadas, enquanto membro do Governo Provisório, escreveu-lhe a dizer que esperava que ele o servisse da forma que entendesse. Fialho aproveitou para dizer mal da República, como antes sempre tinha dito da Monarquia.

## Referências bibliográficas

Almeida, Fialho (2022) *Cadernos de Viagem – Galiza 1905*. Edições Colibri.

Almeida, Fialho (1992) *Os Gatos*. Circulo de Leitores, Vol. 5.

Almeida, Fialho (1991) *Lisboa galante*. Circulo de Leitores.

Almeida, Fialho (1987) *O País das Uvas*. Ulisseia.

Almeida, Fialho (1971) *Contos*. Clássica Editora.

Almeida, Fialho (1969) *Figuras de Destaque*. Clássica Editora.

Almeida, Fialho (1943) *À esquina*. Clássica Editora.

Almeida, Fialho (1922) *Aves migradoras*. Clássica Editora, 6.º milhar.

Almeida, Fialho (1921) *Estâncias d'Arte e de Saudade*. Clássica Editora, 1.º milhar.

Brandão, R. (2011) *Ilhas desconhecidas*. Quetzal.

Brandão, R. (2005) *Paisagem com figuras*. Ambar.

Franco, A. Cândido (2011) «A linguagem de Fialho»,

*Fialho de Almeida, 100 anos depois*, Editora Licorne, pp 21-28.

Fonseca, M. (2005) *Crónicas Algarvias*. Circulo de Leitores.

Fonseca, M. (2005a) *Crónicas Algarvias*. Circulo de Leitores.

Mateus, Isabel Cristina (2011) «O Génio obscuro de Fialho», *Fialho de Almeida, 100 anos depois*, Editora Licorne, pp 113-128.

Namora, Fernando (s/d) *O Trigo e o Joio*. Circulo de Leitores.

Pessoa, Fernando (2014) *Livro do desassossego*, edição de Jerónimo Pizarro. Tinta da China.

Picão, J. S. (1957) *Através dos campos*.

Revez R. (2011) «A evolução do pensamento político de Fialho», *Fialho de Almeida, 100 anos depois*, Editora Licorne, pp 181-204.

Saraiva, A. J. (1996) *Iniciação na literatura portuguesa*. Público.

# *D. Pedro V em Cuba (1)*

*Fialho d'Almeida*

«[...] Ao tempo a linha férrea do sul só chegava do Barreiro a Vendas Novas, e esse troço fresco inaugurado servira à viagem de D. Pedro, que percorreu a cavalo, por étapes marcadas, em ida e volta, toda a charneca dentre Vendas Novas e a Mina de S. Domingos, que era o termo obrigado da jornada. Assim, no próprio dia do desembarque em Vendas Novas, o rei, mal – os irmãos, seguiu para Évora, onde estiveram uns dias; marcharam depois d'Évora à Cuba, onde na igreja lhes foi servido o supositório obrigado d'um Te-Deum, e esse dia e noite recolheram-se na Quinta dos Barahonas, morgados do Cebolinho, que D. Maria II fizera viscondes da Esperança. Camponeses e povolú miúdo de Cuba e cercanas terras, que tinham vindo de véspera, à passagem do rei, acamparam de roda dos muros da quinta, e eram duares imensos de carros e bestiolas, foguetaria e lumes de comezaina, e nas clareiras fechadas pelos carros, gentuza cantando ao som d'adufes e trebelhos, tanta e tão viva que o mesmo Pedro V, depois de ceia, andou pelas ranchadas, até tarde, não faltando vivório e expansões de cândida borracheira, nem tropeiros silvestres que a som de viola lhe soleassem boas vindas. No dia seguinte, depois d'almoço, a cavalgata partiu pela estrada de Beja, atravessando as terras do morgado, que iam da Cuba até ali perto da cidade; e aí o Barahona que era ao tem-

po, um pujante e orgulhoso arador de muitas searas kilométricas, mandara estender aos dois lados da estrada, em ordem de batalha e coberta de flores, toda a instrumental da sua casa de lavoira: os arados apeirados nas cangas, as pezadas charruas bíblicas de três e quatro juntas, toda a criadagem de couteiros, lavradores, semeões, mantieiros, escameis, moços de alavão e rouparia, bem firmes nos seus postos, com seus apetrechos de faina, e logo os rebanhos de lã, que eram profusos, zagaletes, pastores e cães de gado, num formigueiro de pupilas luzentes e de cornos... Esta foi talvez a primeira ideia de cortejo rural e exposição agrícola sugerida em terra portuguesa, e curioso seria segui-la evolução mental decorativa, que algumas dezenas d'anos deitou de si o tão apregoado préstito do centenário camoniano. A multidão que teimava em acompanhar o rei, era tão espessa, que a cavalgata houve de moderar o andamento, para que as mulheres das aldeias e dos montes, que erguiam os filhos pedindo que S. Real Majestade lhes deitasse a bênção, pudessem enlevadas gravar bem a fisionomia triste do príncipe, e a poeira das correrias não sufocasse os jornadeantes, impedindo-os de ver a exibição das charruas e dos gados. Pedro V, educado pelo romântico Herculano à moda antiga, considerava o mister de rei não pelo lado propriamente político e diplomático, como



*Retrato por Manuel Maria Bordalo Pinheiro*  
([https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro\\_V\\_de\\_Portugal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_V_de_Portugal))

mais tarde seu sobrinho D. Carlos, que disso foi vítima, mas como uma espécie de munificente pastor talhado em patriarca, intervindo pessoalmente nas leis, distribuindo ele mesmo as graças e a justiça: e por isso se comprazia na exibição destes demorados convívios populares, donde a sua alma wertheriana sacava a delícia dum espécie d'auto-idolatria cabotina.

À saída das chãs chamadas Os Vales, começaram a ficar para trás ranchos de fêmeas, e a cavalgata seguiu ainda com guarda de honra de jornaleiros e artífices, que teimava em correr às bandas da carreteira. O rei ia na frente, entre os irmãos D. Augusto e D. João; atrás, na comitiva,

seguiram o marquês de Ficalho, o marquês d'Alvito e o vermelho D. Carlos de Mascarenhas.

Antes de S. Matias, já fora das terras da Esperança, dois rapagões de chapéu na mão, adiantaram-se d'um rancho de jornaleiros e ganhões que ficara retraído, e deslumbrado, ao ver os príncipes. Divisava-se-lhes grande agitação e como um começo de disputa, pelos gestos sacados que faziam. Do monte de ganhões saíam vozes:

– É não ter acanhação, senhor Joaquim!

– É falar durrijo, para eles ouvirem bem.

E as caras pálidas, os olhos balbuciantes, tudo

mostrava que alguma coisa grave ia correr. Em resumo. Uma lavradora da Cuba, da família Pêgas Taquenho, no alvoroço súbito da Majestade lhe passar à porta, acordara rimando élogos cândidas de hossana às excelências de Pedro e dos infantes, que fizera aprender a dois filhos já homens Manuel Bonifácio e Joaquim Firmino, os quais, à orla da courela, e sem saber que destino dar aos chapéus e às mãos, faziam-se de mil cores, varados da audácia de ter de as recitar diante do rei.

– Ai que vergonha, ai que vergonha que me dá! dizia um, com o instintivo jeito de se esconder por trás das jornaleiras.

– Não sejas alarve, tornava o outro. Olha o papel! O que há-de dizer depois a nossa mãe...

Os versos armavam uma espécie do diálogo de pastores, onde um fingia o alvoroço por saber quem fosse esse príncipe brilhante como o sol, que despontara na Cuba, e o outro metaforicamente lhe explicava as origens fabulosas da viagem, e as excelências fulgentes do herói entre cópia d'alusões mitológicas e minuscúrias arcádicas ingênuas, que a boa mulher certo colhera de Rodrigues Lobo ou João Xavier de Matos, nalgum surra-do tomo de pastorais e ditirambos.

A crónica refere que Joaquim Firmino e Manuel Bonifácio, d'atrapalhados co'a presença do rei, não tiveram saliva\* avonde para lubrificar a gorja e dar curso à língua poética materna, e isto por não poderem mexer a própria no paladar resseco da comoção que lhes embargara o nó vital. Também D. Pedro V perdeu uma ocasião única d'inquérito à pulmoeira poética e lírica da Cuba, que me parece não volverá a rimar enquanto a população não souber ler.

Deixemos o rei em Beja, onde ao passar um arco de triunfo, este abateu, dando-lhe ainda os armatostes do tímpano uma violenta pancada no cavalo; deixemo-lo ir comer a casa do marquês de Ficalho, em Serpa, o prometido jantar alentejano onde o porco brilhou té sob a fama de feijão com orelheira; deixemo-lo na horrorosa jornada à Mina de S. Domingos, início a sério da exploração mineira em Portugal...

Neste sul de província deserta, com-

pletamente fechado ao espírito de crítica, e revivendo ainda as crenças lendárias dos séculos d'obscurantismo e de servidão, não admira que aos episódios da admiração popular ingénua, se misturem de quando em quando uns, mais grotescos, que os infantes só a muito esforço de morder lábios não recebem a francas gargalhadas.

Tal por exemplo a história do Paneirinho de S. Matias... aldeola entre Beja e Cuba, formada por famílias de ganhões das convizinhas grandes lavoiras da planície. Paneirinho era uma espécie d'anão negrusco, d'olho africano e gestos de bichinina, que d'ordinário fazia quartel-general em S. Matias, irradiando pelos povos rodeiros, com o macho carregado e a clavina no garroxo, à coca de vender as saragoças e briches que lhe mandava um irmão, da Castanheira.

Com uma imaginação ardorosa, cuja exibência de galas sempre o simplismo rústico dos meios d'acção prejudicava, este homem que nalguma rica cidade teria sido um ordenador de cavalgatas históricas, ali, no chavascal da aldeia, apenas achou para mandar ao encontro de D. Pedro V e dos infantes, o seu próprio macho das saragoças, albardado de velho e com um lençol que o envolvia desde a cabeça, deixando avoejar os alvejantes fraldões por sob a anca, onde aqui e além luziam mataduras. Vestiu a opa melhor, pôs o sombreiro dos domingos, broslado, com abas de velódromo, e que um lenço d'Alcobaça resguardava das malandrices do vento, atado em babuqueixo; e com sua espora no calcâneo, o cajado enristado em lan-

ça manhega, ei-lo cavalga dramaticamente o macho, que ao avoejar do lençol produzia a estilização de um corcel de torneio ou quer que o valha.

A pouco trecho topa a régia comitiva, e possesso de jubilo, sem encontrar na língua falada do seu uso exclamações que exprimam o inexplicável clangor monárquico que o vibra, tira o chapéu e desata a gritar:

– Viva o Santíssimo Sacramento!

O rei e os príncipes, desconcertados sobre o tipo bizarro que lhes surge, contestam com uma reverência às exclamações do Paneirinho, que sem se desguarnecer da filáucia manhega avança para os três e diz assim:

– Qual de Vossa Xúrias, indas que eu mal prégunte, é Vossa Real Magestade?

Mostram-lhe D. Pedro V, e ele, às mesuras:

– Como tem Vossa Real Magestade passado, a senhora rainha, e mais companhia?

Responde o rei que bem, e lhe agradece.

– Pois eu, diz o Paneirinho, venho por mandado além dos daquela aldeia, que são uns brutos, e tiveram vergonha de vir ver o rei do seu país. Uns alarves daqueles! Se em vez dum rei fosse uma pipa de vinho, aposto em como abalavam todos e nem lá ficavam cegos e entrevados.

Pergunta D. Pedro V se a terra é próspera e as colheitas foram fartas.

– Vai-se passando, V. Real Magestade, vai-se passando. O que faz falta é um moinho de vento. Para moermos a ceara, temos de levá-la lá fora, ao Guadiana.

– Não será difícil arranjar o moinho, diz o rei.

– Mas em terras baixas o vento é pouco; de sorte que o moinho raro trabalharia se não construísem também uma montanha...

Acha D. Pedro a ocorrência pitoresca, mas não é dado aos reis remover assim terras, dum bloco. Se pedissem por exemplo, uma escola primária...

– Isso as escolas, contravém escorreito o Paneirinho, servem só para fazer doutores e aumentar o descaro dos caloteiros. No dia em que todos soubessem ler teria de lhes baixar o preço das saragoças e dos briches... De sorte que se não puder ser o moinho, venha uma lei que torne por exemplo a saragoça obrigatória...

– Vá descansado, diz o monarca sorrindo, e saúde em meu nome os do seu povo.

– Vou mas é explicar àqueles alarves que o rei não é nenhum papão que meta espanto, e todos os portugueses ganham em ver de perto os príncipes que os mandam. E com isto não enfado, Senhor D. Pedro V; visitas à senhora rainha, e aos meninos – que eu não sei se V. Real Magestade tem borregage...

Faz o rei que não com a cabeça.

– Pois é preciso arranjá-la. Não há matrimónio feliz sem mulherota poupada e calças d'açoites nas petizes. Lá em minha casa tenho dez que não dou vestidos nem calçados; pois se algum dia me faltassem, perderia o único entretenimento alegre da vida, que é todos os dias zurzir uns três ou quatro.

Esporeou a besta, que num repouco

deu costas, deflagrando sob os fraldões do lençol, não sei que estrépitos festivos.

E meio voltado na albarda:

– Desculpem Voss’Xúrias esta divergência da cavalgada. Como não está acostumada a ver grandezas...

À volta da excursão, no regresso da mina, D. Pedro V outra vez pernitou na quinta da Esperança, e na seguinte manhã, primeiro de Novembro, tomava pela estrada d’Alvito, onde caiu em plena feira de Santos, a das castanhas e das nozes, espalhada de roda do castelo. Ao atravessar, inda no termo da Cuba, as herdades do Banahona [José Maria de Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo], nova exibição de gados, desta vez em máxima afluência: manadas de éguas, boiadas, infinitas cabras e ovelhas, alfeires, varas de porcos, milhares de cabeças com dezenas de guardas negreando nos valeirões do restolho, em infinitas finsulas moventes.

E outros lavradores vizinhos tinham tomado o exemplo do visconde, posto ao comprido da estrada em bandeletas, riquezas pecuárias que transfigu-

ram súbito a campina, ocorrendo com as que migravam para a feira, e todas tocando de pastoril relevo a aridez já um pouco outonal dos costadoiros. O rei viu esse dia um espectáculo a que não estaria acostumado: a entrada galopante dos gados, sob a poeira fulva, em pleno charivari da corredoira, o zumbido apoplético d’um arraial de rurais em plena verve nómada de tráfego: e na apoteose da luz, em pagãs espirais, toda a exaltação do coro pastoril à glória de Pomona e Ceres, deusas tutelares da agricultura.

Em Alvito ficou dois dias na câmara que lhe conserva o nome, e permanecendo alfaiada como de quando a habitara o rei nostálgico, foi muitos anos objecto duma romaria piedosa e enternecida; daí se foi a Aguiar, cerca de Viana, onde entrando em casa do pároco, quis comer. A estância era mui pobre – queijo de cabra, pão quente, água, mel numa malga ratinha, e alguns cheirosos peros de Montemor – e não havendo copo, bebeu por uma canada de barro, que foi o que o cura achou de melhor na prateleira...

## D. Pedro V em Cuba (2) – um Cubense

«Sr. Redactor»

«Como não tem aparecido até hoje uma narração dos acontecimentos que tiveram lugar na passagem de Sua Majestade El-Rei, e o seu Augusto Irmão por esta vila nos dias 26 e

31 de Outubro, por que talvez ainda não chegassem ao seu conhecimento, vou fazer-lhe com toda a verdade e imparcialidade para a publicar, querendo.

No dia 26, pelas 7 horas da manhã

(1) Título nosso; ALMEIDA. Fialho de. Hemeroteca Digital/Serões 1908 N 4020.

(2) Título nosso; Jornal O Bejense, N.º 34, Beja, 28 de Novembro de 1860, Págs. 2 (cols. 2,3) e 3 (cols. 1,2)

sairam desta vila o Ex.<sup>mo</sup> Sr Visconde da Esperança, o Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil do Distrito, seu Secretário-Geral, e o Exmo. General Barão do rio Zêzere, e seu estado maior, e se dirigiram a Água de Peixes a esperar Sua Majestade e Sua Alteza, que ali chegaram pelas 11 horas pouco mais ou menos, e aonde se achavam as Câmaras de Alvito e Viana, e uma grande quantidade de povo, que felicitava os Régios Viajantes com as mais vivas aclamações.

Sua Majestade e Sua Alteza Dirigiram-Se aceitar ali um excelente almoço e que lhe foi oferecido pelos Rendeiros das fazendas do Duque de Cadaval, e a que tiveram a honra de ser convidados, além da Régia comitiva as pessoas que desta vila tinham ido esperar El-Rei, bem como os presidentes das já ditas Câmaras.

Acabado o almoço, Se dirigiu El-Rei e seu séquito para esta vila, e à ponte de Vila Ruiva recebeu as felicitações do administrador deste concelho que, com o seu escrivão, ali tinham ido receber as ordens d'El-Rei.

A mais de um quilómetro desta vila da Cuba Recebeu Sua Majestade e Sua Alteza a Câmara da Vidigueira, que com a filarmónica da mesma vila tinham vindo esperar os Régios Viajantes.

À entrada da Cuba estava a Câmara Municipal com seu Estandarte, o Juiz de Direito da Comarca, Delegado, Escrivães e mais empregados de justiça deste julgado, acompanhados da filarmónica desta vila, e de todas as pessoas decentes da mesma, que para tal fim haviam si-

do convidadas pela mesma Câmara; aqui parando Sua Majestade e Sua Alteza, Receberam as diversas felicitações que lhe foram dirigidas Dirigindo-se Receber as mesmas com Sua costumada benevolência, não Recebendo o palio que lhe foi oferecido pela Câmara por se achar muito incomodado.

Se dirigiu à Matriz desta vila, e sendo Recebido à porta debaixo do palio por seis presbíteros, assistiu a um Te Deum, findo o qual Se Dirigiu à quinta da Esperança, aonde lhe estava destinado o Régio alojamento.

As ruas desta vila estavam decentemente ornadas em suas portas, e janelas, estando as mesmas ruas cobertas de verdura, e passando Sua Majestade e Sua Alteza por baixo de 4 arcos triunfais, que nas mesmas ruas se haviam levantado.

Tudo isto, sr. Redactor, é uma fiel narração do acontecido, o que, porém, não é possível descrever é o grande entusiasmo de toda esta População, e de muita gente das terras circunvizinhas, talvez não inferior a 8 ou 10 mil pessoas, que todas à porfia vitoriavam os Régios Viajantes. Sua Majestade e Alteza poderiam ser recebidos com mais pompa, porém não o podiam ser com mais sinceridade, prazer e jubilo, subindo ao ar muitas girândolas de foguetes, e tendo-se à noite iluminado toda a vila.

Resta-me sr. Redactor fazer-lhe uma narração dos arranjos da quinta da Esperança, o que não é coisa fácil, por que o Ex.<sup>mo</sup> Visconde, no pouco tempo que teve para se preparar, para receber Seus Augustos Hóspedes,

fez coisas que parecem impossíveis para quem não as presenciou.

O exterior apresentava uma linda vista, por que desde o princípio da quinta até ao largo, que fica em frente da casa de habitação, havia uma rua de quinhentos metros toda guarnecida de verdura, com seis grandes arcos triunfais, e na frente das casas, e todo o largo com iguais arcos, e no centro um vistoso camarote, aonde estava colocada a filarmónica desta vila, que tocava escolhidas peças de música, tendo na chegada d'El-Rei e do seu séquito, subido ao ar uma imensidade de girândolas de foguetes, o que também tinha acontecido em todo o trânsito da vila para a quinta.

O largo em frente da casa de habitação estava todo alcatifado de verdura, e as janelas todas guarnecidas de vistosas colchas de damasco ricamente bordadas; a escada que do pátio de entrada conduz para as casas de habitação estava também toda coberta de arcos trinfais com coroas de flores pendentes, e a varanda, que deita para o mesmo pátio, tinha um festão de verdura em toda a colunata, guarnecido de flores naturais, estando o mesmo pátio todo juncado de verdura, e as janelas que dizem para o mesmo, bem como a dita varanda, adornadas de vistosas colchas.

À noite foram todos os arcos iluminados com vistosos balões de cores, o que fazia uma vista surpreendente.

Depois do jantar de Sua Majestade e Sua Alteza, para que tiveram a honra de ser convidados, além das pes-

soas do seu séquito, o Ex.<sup>mo</sup> Visconde da Esperança, sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa e filha, e os Ex.<sup>mos</sup> Barão do rio Zézere, o seu estado maior, Governador Civil, Secretário Geral, e vários Cavalheiros, apareceu no largo em frente das janelas das salas uma vistosa dança de artistas desta vila, a que Sua Majestade e Sua Alteza Deram atenção, bem como à imensidade de povo, que por esta ocasião ali concorreu, que todos à porfia vitoriavam os Régios Viajantes, e que se não ausentou do largo senão quando os mesmos Se recolheram.

O arranjo interior das casas não é possível descrever-se, por que estavam ricamente ornadas, e o mais decente que é possível, porquanto toda a mobília era riquíssima, e estreada nesta ocasião, não falarei nas ricas peças de prata que serviram nesta ocasião, por que só vistas se pode delas fazer uma perfeita ideia, sendo além disso tudo do Ex.<sup>mo</sup> Visconde.

Quanto ao jantar, dizem-me que foi riquíssimo, e tão abundante que muitos guisados não serviram, por não se tornar mais extenso o jantar, sendo de notar que todo foi dirigido pelo Ex.<sup>mo</sup> Visconde, que se não utilizou dos cozinheiros da Casa Real que lhe foram oferecidos, por lhe não serem precisos para tal fim; ali se serviram generosos vinhos da lavra do mesmo Visconde, além desses outros de todas as qualidades vindos de Lisboa, e que é costume aparecerem em tais ocasiões, constando-me também que Sua Majestade El-Rei Se Serviu neste jantar de um talher de ouro, que ali estava para tal fim.

Ao romper do dia seguinte subiram ao ar uma imensidade de girândolas de foguetes, e depois de uma pequena refeição, partiu Sua Majestade e Sua Alteza pelas 8 horas da manhã para essa cidade acompanhados pelos Ex.<sup>mos</sup> Visconde, Governador Civil, Secretário Geral, Barão do Rio Zêzere, e seu estado maior, e outras pessoas de distinção, além da Régia comitiva, deixando-nos gratas recordações da sua bondade.

No dia 31 de Outubro teve esta vila novamente a glória de ver Sua Majestade e Sua Alteza, que acompanhados de seu séquito, dos Ex.<sup>mos</sup> Governador Civil e seu Secretário Geral, e Conde de Bomfim e seu estado maior, vinham de Serpa em direcção a Alvito, e ao princípio deste concelho, por onde confina com o de Beja e por onde partem as terras da quinta da Esperança, achavam-se os Ex.<sup>mos</sup> Visconde e o Juiz de Direito dessa cidade esperando os Régios Viajantes, a quem saudaram, sendo recebidos por Sua Majestade e S. Alteza com a Sua costumada benevolência.

Nesta ocasião estavam surpreendentes os campos em roda da quinta, porquanto havia mais de 5 mil cabeças de gado de lã dos diferentes rebanhos do Ex.<sup>mo</sup> Visconde, e cujos pastores ali tinham concorrido para saudarem El-Rei e Sua Alteza, além disso havia noventa arados da lavoura do mesmo Visconde, que estando lavrando à beira da estrada foram todos dirigidos pelos respectivos criados à frente da mesma para estes também saudarem El-Rei,

que Se dignou parar para ver de perto esta exposição agrícola, e pena é que o mesmo Visconde não tivesse ali mandado concorrer todos os seus gados, por que seria uma boa ocasião de se verem os muitos, e apurados, que possui este rico e inteligente lavrador.

Em seguida para a quinta passou El-Rei e Seu séquito por dentro de uma Tapada de quarenta milheiros de vinha do mesmo Visconde, e que fica em frente da referida quinta aonde veio almoçar, e aonde o esperavam a Câmara Municipal desta vila, Administrador do concelho, Delegado do Procurador Régio, e empregados de justiça, bem como um grande número de povo, que davam entusiásticos vivas a toda a Família Real, e aqui estava também a filarmónica da Cuba tocando os hinos Nacionais.

Para o almoço tiveram a honra de ser convidados todas as pessoas do séquito d'El-Rei, o Ex.<sup>mo</sup> Visconde, sua família, Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Governador Civil, Secretário Geral, Ex.<sup>mo</sup> Conde do Bomfim, Presidente da Câmara, Administrador do concelho, Delegado e Ex.<sup>mo</sup> Juiz de Direito de Beja.

El-Rei deixou vinte libras ao Presidente da comissão da Misericórdia, sendo dez para este estabelecimento e dez para serem repartidas pelos pobres.

Pelas três horas da tarde pouco mais ou menos, Saiu El-Rei e toda a comitiva para Alvito, deixando-nos verdadeiras saudades».

«Cuba, 6 de Novembro de 1860.

Um Cubense»

## Testemunhos I

# *Lisboa Monumental* — *Da estética à higiene da cidade*

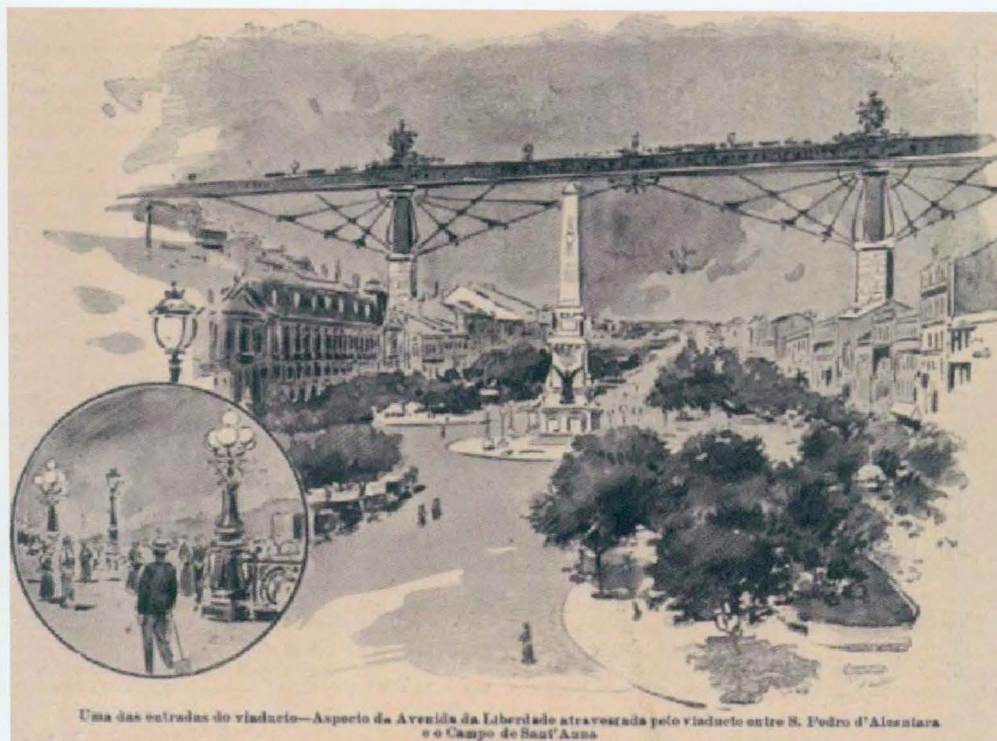
▪ Um testemunho de leitura. Alberto Oliveira

A *Ilustração Portuguesa* publicou, em 1906, um valioso texto de Fialho d'Almeida com o título «Lisboa Monumental», onde o autor, com a acutilância que lhe era característica, divaga sobre a arquitetura da cidade, sobre as condições de habitabilidade dos seus bairros antigos e sobre a necessidade de expandir e embelezar parques e jardins.

A Primeira Parte do seu artigo surgiu em 29 de Outubro, no n.º 36 daquela publicação e nele Fialho começa por se debruçar sobre duas exposições de arquitetura, ao tempo realizadas, onde se apresentavam projetos muito ousados de edifícios e outros equipamentos públicos. Sobre esses trabalhos, elaborados por alunos da Escola de Belas Artes e da Sociedade Nacional de Belas Artes, dizia Fialho: «pouco devem botar de prático e viável para o quotidiano da terra», posto que, no essencial, surgiam fora do tempo. Entre esses projetos propunha-se uma igreja românica (com dois coruchéus e um duomo), um jazigo de família, um circo equestre (com reminiscências das ruínas do Coliseu romano), um batistério romano-bizantino, um viaduto sobre uma avenida central da cidade (lembrando a Ponte Alexandre III, em Paris), e outras pontes unindo pontos altos da cidade.

Vistos e revistos tais projetos, conclui Fialho que todos eles chegaram depois de a sua necessidade ter passado, e que, portanto, lhes faltava utilidade. No essencial, Fialho chama-lhes «laboriosas provas de jovens arquitetos, pobres *Solness* sem barba, que inspirarão uma ou outra Hilda, de carácter melancólico, de labor perdido e de talento sem clínica». Nesta referência, Fialho assemelha tais trabalhos à famosa peça de teatro então muito em voga por todo o mundo, «*Solness, o Construtor*», escrita em 1892 pelo grande dramaturgo norueguês Henrik Ibsen. Ora, debruçando-se sobre cada um dos trabalhos expostos, Fialho mostra-se, no essencial, muito crítico, excetuando, no entanto, com muita valia aquele que propunha a construção de um viaduto sobre os vales da atual Avenida da Liberdade e da Rua da Palma, ligando São Pedro de Alcântara, no Bairro Alto, à colina de Sant'Ana e esta à Graça ou ao Castelo.

Fialho defende, entretanto, que os governos e municípios deviam recorrer a este tipo de trabalhos escolares, com propostas de arte aplicada, sempre que tivessem de construir edifícios públicos para escolas, creches, etc., desde que supervisionados por um júri que integrasse também ho-



Uma das entradas do viaduto—Aspecto da Avenida da Liberdade atravessada pelo viaduto entre S. Pedro d'Alcantara e o Campo de Sant'Anna

*Lisboa monumental, ilustração, Alonso (Joaquim Guilherme Santos Silva, 1871-1948)*  
Imagem: «Hemeroteca Digital»

mens de letras. E o mesmo se diria para projetos particulares, impedindo, assim, que a construção ficasse ao sabor de empreiteiros de gosto duvidoso. Fialho aproveita, aliás, este texto para bater forte e feio em muitos edifícios da cidade, construídos desgarradamente ao sabor da burguesia de então e do mau gosto dos seus construtores. E deu o exemplo do que entendia ser a harmonia na construção, então observável em Espanha, nomeadamente em cidades que conhecia bem da Galiza. Assim: «Correm-se as ruas de Vigo, de Ourense, de Pontevedra ou da Corunha, vai-se às cidades da Catalunha ou de Castela e lá veremos o esforço heroico dos arquitetos para aperfeiçoarem ao infinito os seus modelos de paço, de palácio, de casa e de casucha. Quan-

tos milhões e milhões de pedra talhada!». Em contrapartida, por cá, «cada brasileiro ou rendeiro rico teve licença de erguer a casa a esmo, conforme planos de mestre António ou mestre Isidro», e isto sem a Câmara lhes pedir outras contas e sem intervenção», denunciava, «de qualquer comissão técnica que interviesse sob o ponto de vista da beleza, da arquitetura da casa ou da sua inserção no espaço público».

Fialho ocupa-se depois na análise detalhada da configuração de diversos espaços públicos de Lisboa e sugere como melhor seriam se, outrossim, a preocupação com a beleza houvesse enquadrado tais espaços, como seria a Praça Marquês de Pombal, com todo um programa cénico de arquitetura monumental e de ligação ao atual

Parque Eduardo VII, ou como seria a chamada Calçada do Salitre e a sua ligação ao jardim da Politécnica, ou como seriam a Praça do Saldanha e a Praça de Entrecampos, preenchendo todos estes espaços nobres e centrais com edifícios sumptuosos e dignos, com monumentos, arcos e estátuas dos nossos maiores. Detendo-se depois sobre propostas de arranjos no Terreiro do Paço e da sua ligação monumental ao rio, avança com a sugestão de «embelezamento da Avenida da Índia e da sua aproximação ao rio, o mais possível, a começar em Algés até Santa Apolónia, enfileirando nela estátuas de todos os heróis das descobertas e conquistas, o que daria ao estrangeiro que entrasse pelo rio, com essa fileira de colossos, uma ideia senhoril do povo luso». Esta ideia de embelezamento público era, aliás, também aí defendida para a Avenida da Liberdade, a qual «bem podia servir de salão contemporâneo, recolhendo nos seus relvões, de ambos os lados, estátuas de todas quantas gentes merecessem da glória, e valessem a pena fixar na perpetuidade cultural das gerações».

Pronunciando-se ainda sobre a projetada ponte sobre os vales da Avenida e da Rua da Palma, assegura que «seria uma obra de seguro efeito cenográfico, gigantesca e pernalta, barrando o ar num salto audacioso». Na sua descrição, Fialho, mostra-nos do melhor das suas capacidades literárias quando escreve: «Percorrer em manhãs e tardes essa avenida, a 80 metros do solo, bordada de passeios e refúgios suspensos sobre mísulas,

vendo por baixo vertiginosamente ferver a bicharia dos bairros pobres, a avenida estender-se em regueiros brancos e verdes, de asfalto e folhas de árvores, na estonteação do ar livre, com horizontes de voo de águia, seria um destes prazeres sibaríticos que os cogitadores de quimeras agradeceriam a Deus, como antevisão do paraíso dos maduros». E no ponto de chegada da ponte, defendia Fialho, dever-se-ia construir um palácio, na Alcáçova, «para tirar noites e tardes de Lisboa da pacatez provincial em que os estrangeiros, ano após ano, vêm topá-la», pois «falta brindar a cidade com os atrativos e vícios que a gente culta e rica tem por passatempo». E tudo isso devia ser completado «cobrindo a montanha toda de ciprestes, cujo destaque decorativo sobre o casario seria soberbo, e abrindo elevadores da cidade baixa até às portas históricas da muralha». Com tais melhoramentos e diversões em redor da Alcáçova, «com um município menos sujo e habitantes mais ciosos do lustro da cidade, Lisboa entraria de vez no armorial das capitais vertiginosas onde deliciosamente a vida se grelha no estonteio das quotidianas sensações».

A Segunda Parte do artigo de Fialho surgiu em 19 de Novembro de 1906, no n.º 39 da mesma publicação. Nela, Fialho começa por abordar a contenda existente entre os comerciantes da beira-rio e os engenheiros da Companhia Real sobre a localização da futura estação fluvial de Sul Sueste, se junto à Alfândega ou no Cais de Sodrê, ligando-se com esta ques-

tão a tão propalada ideia de levar o comboio, pela margem esquerda do Tejo, do Barreiro até Cacilhas ou Almada, pretextando, assim, a criação de uma nova cidade, abrangendo do pontal de Cacilhas à Trafaria. Este era um sonho defendido por tantos: ver Lisboa expandir-se para a margem sul onde cresceria a parte comercial e fabril, de grande labuta e de grande tráfego, deslocando muitas indústrias de Alcântara e Poço do Bispo. Isto, diz Fialho, «significaria um desiderato maravilhoso para a beleza da terra e metodização higiénica da indústria, ajudando o desenvolvimento rápido da cidade».

Nesta sequência, Fialho pronuncia-se sobre a necessidade de arborização «dessas montanhas pardas da Outra Banda», cuja «cordilheira nua, com meia dúzia de casebres branquejando no amarelo ruim das gredas soltas, tem uma aparência de África maldita, que ignobiliza o panorama e encarioca a cidade, dando dos instintos paisagistas do luso uma ideia das mais frígidas para o conceito de europeu civilizado que ele se dá ares de merecer».

Estamos em 1906, ainda no princípio do sec. XX, finais da Monarquia. Porém, no seu texto, Fialho revela já fortes preocupações ambientais e ecológicas, como diríamos hoje, pois afirma que «no plano de arborizações e plantações florestais no aro de Lisboa, estariam outras obras pacientes, metódicas e bem largas com vista a destruir a aridez que os campos e montanhas melancolicamente põem na paisagem suburbana». E acrescenta: «Nessa zona suburbana de terras,

tão vasta, jacente a uma capital tão populosa, onde abundam o dinheiro e os comerciantes quase todos camponeses, filhos e netos de agricultores, parece incrível» – espanta-se Fialho –, «a inexistência de grandes e pequenas hortas, de granjas modelos, cultivadas a primor». E mais diz Fialho: «Ao redor de Lisboa, quilómetros e quilómetros, o mesmo abandono da terra melancoliza e choca o viajante»; ou ainda, concretizando melhor: «Certos arrabaldes, que antigamente foram quintas e explorações agrícolas, como em Xabregas, Sacavém, Olivais, Lumiar, Porcalhota e, para além, Loures, Odivelas, etc. etc., jazem agora abandonadas e desertas», lamentava-se. Por isso se insurgia: «A arborização raríssima e nada progressiva, a horticultura caída e abandonada, tudo isto revela a rotina rançosa de uma gente que foge ao trabalho». E conclui com uma afirmação notável: «Não seria apenas uma questão de riqueza produtiva, a arborização e horticulisação de grande parte das terras circundantes da capital... era também, no ponto especial que nos ocupa, uma questão de higiene e de beleza».

Fialho detém-se de seguida sobre outras áreas de Lisboa. Começa por referir o Palácio (inacabado) da Ajuda e a necessidade de lhe prestar melhor cuidado, bem como envolvê-lo de um parque florestal e paisagístico para usufruto dos lisboetas. Depois pronuncia-se sobre toda a área que se estende para além de Santa Apolónia, até ao Poço do Bispo e Sacavém, onde imagina um dia poder haver «extensíssimas alamedas, parques, bosques,

que proporcionarão à gente arrabal-  
dia massas de folhas e de sombras,  
onde possa a população virilizar, salu-  
brizar seus refastelos e farnientes hi-  
giénicos». Isto, segundo Fialho, deveria  
coincidir com a desbridação dos bair-  
ros infectos de Alfama, Castelo, Mou-  
raria, Alcântara e muitos outros, onde  
a população trabalhadora se comprime»,  
sim, denuncia, «redutos infames da  
tuberculose implacável». E nesta  
questão Fialho é implacável, pois de-  
fende que, ao fazê-lo, os municípios

não devem nunca dar ouvidos aos de-  
fensores da arqueologia ou das recor-  
dações históricas. Por tal razão, defen-  
de que, salvo casos muito excepcionais,  
nada há que valha a pena conservar  
nesses bairros a troco da salubridade  
dos moradores. Recorde-se que Fia-  
lho era médico de formação. E sobre  
esta matéria, puxando dos seus ga-  
lões, escreveu aquela que talvez seja  
a afirmação mais ousada e polémica  
do seu texto: «É minha opinião, e de  
todos os médicos que rigorosamente



*Santa Engrácia restaurada em «Panteon»*

têm escoldrinhado a insalubridade irreparável daquele verdadeiro monturo medieval, que o bairro de Alfama, como o do Castelo, Santa Apolónia, Mouraria, etc. devem ser por completo arrasados e desfeitos». Assim, sem mais. E isto em nome da higiene necessária à sobrevivência, pois, afirma, «quase toda a população operária e pobre da capital, isto é, dois terços do total, vive acorçada em bairros sem emenda, e a que tarde ou cedo vem a ser preciso deitar fogo».

Fialho detém-se depois na caracterização dos novos bairros operários, chamando-lhes «poçanheiras asfíxicas, sem beleza nem graça, em páteos lúgubres, terrenos de refúgio e mau acesso, fruto da sofreguidão dos senhores, tudo enfileirando com carroças de lixo a céu aberto, esgotos horríveis, latrinas e urinóis sem limpeza, assim se via por todo o lado». E rematando, Fialho afirma que «se a Lisboa dos ricos, por sua arquitetura insulsa, é feia à vista, por outro lado a dos pobres, visto os descabridos ignóbeis de que enferma, revolta o coração mais árido e gangoso».

Voltando à Lisboa luxuosa, Fialho reafirma que «a arquitetura exterior dos edifícios públicos, das igrejas, dos grandes palácios é lamentável de banalidade e insulsez, e que os modernos são quase todos piores que os antigos». E acrescenta que, na sua opinião, «fora do manuelino, fora de D. João V, Lisboa não tem nada que ver se possa, a não ser o Terreiro do Paço e a jesuítica igreja da Estrela». Depois, já a caminho do fim, Fialho refere-se à permanente discussão pú-

blica sobre os lugares mais convenientes para sepultura heróica dos homens ilustres e que, como era costume, ressaltava amiúde a integridade dos Jerónimos para esse efeito. Primeiro, como é sabido, surgiu o caso de Herculano e, posteriormente, não faltaram candidatos ao sossego do mosteiro. Fialho defende então que «de resvalo em resvalo, sabida é a tolerância da terra, atrás dos talentos medianos, irão os imbecis conselheiros, pelo que a nação devia chumbar uma grelha à volta desses muros sagrados». E o mesmo se diria de Santa Engrácia, como panteão de homens ilustres, para quem deviam ser igualmente recomendados cuidados semelhantes, defende Fialho.

Terminando, Fialho reafirma a sua falta de simpatia pela fria arquitetura dos mais modernos edifícios da capital, dada a sua nudez exterior e a falta de beleza aos olhos do cidadão, de que era exemplo claro o dispendioso edifício da Escola Médica, ao Campo de Santana. Por tudo isso, defende «a necessidade de os municípios disporem de um conselho técnico, tendo por vogais consultores todas as pessoas de provado gosto e cultura artística do reino, o qual deve intervir na escolha e adoção do tipo arquitetónico de todas as construções a fazer».

Este texto de Fialho d'Almeida, dividido em duas partes e publicado pela *Ilustração Portuguesa*, em 1906, foi recolhido, em 1911, no volume póstumo «Barbear, Pentear», e reeditado em Maio de 1957, pela Câmara Municipal de Lisboa, por ocasião do centenário do nascimento do autor.

## Testemunhos II

### *A propósito do livro «In Memoriam»*

■ José Augusto Barroso (Funcionário Judicial)

Um dia destes, por acaso, encontrei num alfarrabista o livro IN MEMORIAM, que me fascinou. Esta publicação data de 1917, foi editada pela Tipografia da «Renascença Portuguesa» do Porto e foi organizada por António Barradas e Alberto Saavedra, no sexto aniversário da morte do escritor FIALHO DE ALMEIDA.

Este volume, constituído por uma colectânea de depoimentos de amigos e/ou admiradores do escritor, reúne figuras como: – Albino Forjaz de Sampaio; Álvaro Cabral; António Arroyo; António Correia de Oliveira; A. M. Rita Martins; António Sardinha; Augusto de Castro; Bento Mântua; Brás Burity; Brito Camacho; Câmara Reys; Cláudio Basto; Delfim Guimarães; Domingos Guimarães; Eduardo Shhwalbach Lucci; Eugénio de Castro; Garcia Pulido; Gomes de Carvalho; Guedes de Oliveira; Guerra Junqueiro; Henrique Lopes de Mendonça; J. de Mello Viana; Joaquim Costa; Kol D' Alvarenga; Luíz de Magalhães; Manuel da Silva Gaio; Manuel de Sousa Pinto; Mário Florival; Martinho Nobre de Mello; Mendes dos Remédios; Philéas Lebesgue; Ribera; Rovira; Santos Tavares; Silva Carvalho; Silva Telles; Sousa Costa; Tomás Borba; Xavier Vieira.

António Barradas, num extraordinário texto, comenta o «FIALHO-MÉDICO».

São páginas duma análise interessante, das quais não resisti a transcrever algumas linhas:

«...Fialho foi médico. Seis anos deambulou pelos corredores e salas de uma escola, que se desmoronava de velha e podre, seis anos passeou a sua carcaça de neurótico, em choques diuturnos com irritâncias de toda a ordem, desde as que do físico do casarão se desprendiam té às que do moral dos mestres promanavam.

Êle, já escritor feito ao cursar anatomia, via o português dos seus relatórios unhado pelo dedo crítico dos mestres, êle criatura superior de cebrebração e de organização neurótica, teria a cada passo de aturar mesquinhas ridículas e tôlas». (fls.238).

Alberto Saavedra num bonito texto a que chamou «FIALHO E A MÚSICA», oferece-nos o Fialho melómano, com magníficos momentos de análise do homem e da sua sensibilidade...

«...Mas nem qualquer audição contentava o seu exigente paladar estético, preferindo, não a música «de que o ouvido é mero receptáculo instantâneo, transmissor mudo», mas aquela «que a imaginação visual plasticiza rápido, em imagens, quási que ia a dizer dotadas de existência, imagens que se vêem, se palpitam, se enlaçam, sofrem...» (fls.256).

«...Mas vai mais longe, oh muito

mais! A acção da música na obra de Fialho. Por esta mesma singular me-  
lofilia explico eu o gozo de insatisfa-  
ção torturante, mixto de volúpia e de  
desespero, com que êle beethoveniza-  
va a sua prosa, – essa prosa inigualá-  
vel...» (fls.260).

«...Grande Fialho! Que a hora da  
justiça pouco tarda, e ao divino pin-  
tor-sinfonista da prosa portuguesa há  
de prestar-se enfim o culto reverente  
que teem negado. A sua obra será lida,  
estudada, amada...» (fls.261).

Muitos outros, neste livro/homena-  
gem, dedicaram belas páginas à me-  
mória de Fialho, entre eles: Antero  
de Figueiredo, Carolina Michaelles de  
Vasconcellos, Cândido de Figueiredo,  
Fortunato da Fonseca e Vicente Ta-  
quenho.

✽ Não poderei esquecer os poetas:

– Augusto Gil, com o poema – MUSA  
DE ENTRUDO – Fialho de Almeida (o  
dia dum homem de génio); – António  
Corrêa d'Oliveira, colabora com um  
belo soneto

#### «A Madona do Campo Santo»

*Páginas tristes como a luz dos círios,  
Vagas de som em linhas de escultura:  
Como encheste minha alma de ternura,  
De morbidez e místicos martírios!*

*Páginas tristes como os roxos lírios...  
Ah! Quem me dera a lírica frescura  
Com que vos li: Volúpias de amargura!  
A morte e o amor! Românticos delírios!*

*Chorei, chorei... Criança eu fui! E ago-  
[ra?]*

*Meu velho coração que já não chora,  
(Queimou-o a dor!) é como os areais,*

*Não chora? E volto a ler...*

*– Foi como o Outono,  
Tocando a Terra: e sacudindo o sono  
Das fundas águas que não secam mais!  
– Dezembro de 1916 – Belinho (fls. 38)*

*– Igualmente, Delfim Guimarães,  
colabora com dois sonetos, um deles,  
que transcrevo:*

#### «A Ruiva

*Em má hora nascera a filha do coveiro!  
Ficou órfã de mãe logo que à luz foi  
[dada,  
E a infância decorreu-lhe agreste; amar-  
[gurada,  
Junto do pai brutal, num velho pardi-  
leiro.*

*Não sentiu o calor dum beijo verda-  
[deiro,  
A carícia subtil duma alma delicada;  
E a pobrezinha foi crescendo, atrofia-  
[da,  
Qual viceja uma flor nas águas dum  
[lameiro...*

*Aos doze anos era um tipo engraça-  
[dinho;  
Bonita, sem favor; o corpo delgadinho,  
Cabelos ruivos, branca, anémica, ner-  
[vosa...*

*Criada ao deus-dará, num meio dele-  
[tério,  
Cresceu na podridão, floriu no cemi-  
[tério,  
E encontrou-se mulher um dia, a des-  
[titosa! (fls. 99)*

Ao concluir este meu testemunho,  
aconselho a leitura do IN MEMO-  
RIAM. Passados mais de 100 anos, se-  
ria momento para a reedição deste  
magnífico trabalho...

## *Dia do Patrono: Agrupamento de Escolas de Cuba*

O Dia do Patrono da Escola – Fialho de Almeida – decorre a 4 de Março. A Presidente da Direcção da Associação, a Directora da Biblioteca da Escola e a Prof.<sup>a</sup> Zulmira, que leciona a disciplina de Português reuniram no dia 8 de Janeiro de 2024 para planificarem a forma de o assinalar. As actividades acordadas, em torno de Contos do escritor, envolviam alunos dos 1.º, 2.º, e 3.º Ciclos, através de leituras, exploração com texto escrito, criatividade em imagens, utilizando painéis e realizando Exposição na Es-

cola e/ou na vila. Destaque para os Contos a utilizar: – «História de Dois Patifes»; «A Ideia da Comadre Mónica»; «A Taça do Rei de Tule»; As turmas do 5.º ano viriam à Casa Fialho de Almeida para explorarem a Banda Desenhada (se a Associação já a tivesse disponível com novos exemplares).

## *25 de Abril 1974 – 50 anos*

A Associação desenvolveu actividades no âmbito destes 50 anos, e o presente Boletim dá-lhe o devido destaque.

## *Felicitação*

A Associação felicita o sócio Professor António Cândido Franco, reforçando o mail de 26-9-2024, em que a Direcção informou os associados, e assim o felicitou, pelo facto de ter recebido, com a Biografia de Luíz Pacheco, o Grande Prémio de Literatura Biográfica Miguel Torga. Prémio de Literatura Biográfica da APE, em iniciativa conjunta com a Câmara M. Coimbra.

Na nossa região, o «Alentejo Ilustrado», Évora, n.º 11, Agosto 2024, pps. 22-23 traça o perfil de António Cândido Franco e faz eco deste Prémio.



## *«Ler Fialho de Almeida»*

Com um grupo de Geólogos, e por solicitação do Doutor Carlos Cupeto, lemos e falámos do Escritor na Casa Fialho de Almeida no dia 24 de Março de 2024, muito em particular em torno de Vinha, Vindimas e Vinho.

## NOTICIÁRIO

### Encontros Literários

No âmbito do seu Plano de Actividades, a Associação realizou ao longo do ano vários Encontros Literários, tendo cancelado dois deles.

#### *Romance de Dom Dinis*

Apresentação pela autora Natália Constâncio, Casa Fialho de Almeida, 2 de Março de 2024.

#### *«Fialho de Almeida em Vila de Frades»*

A Associação colaborou com a Junta de Freguesia de Vila de Frades, nos dias 7 e 20 de Maio, com actividades na Escola e programa na Rádio Vidigueira.

#### *«Ai, Alentejo... Memórias Rurais»*

De Abílio Maroto Amiguinho, com apresentação de Ana Maria Maroto, Cuba, Casa Fialho de Almeida, 25 de Maio de 2024.

#### *«Revisitar Camões nos 500 anos do seu nascimento – Ser Descontente é Ser Homem»*

Sob este último pensamento, de Fernando Pessoa, Maria de Fátima Sousa «viajou» em revisitação de Camões, falando do Homem e da Obra, Cuba, Casa Fialho de Almeida, 12 de Outubro de 2024.



## Homenagens em Aljustrel

[A Associação fez-se representar]

LUÍS AMARO – A Câmara/Biblioteca Municipal de Aljustrel homenagearam o poeta Luís Amaro, filho da terra, atribuindo o seu nome à Biblioteca Municipal, abrindo o espaço – Sala Luís Amaro, com relevo para os livros do seu espólio, doados pela sobrinha Dulce Amaro. Esta homenagem, que de há muito era esperada, aconteceu em Junho de 2024.

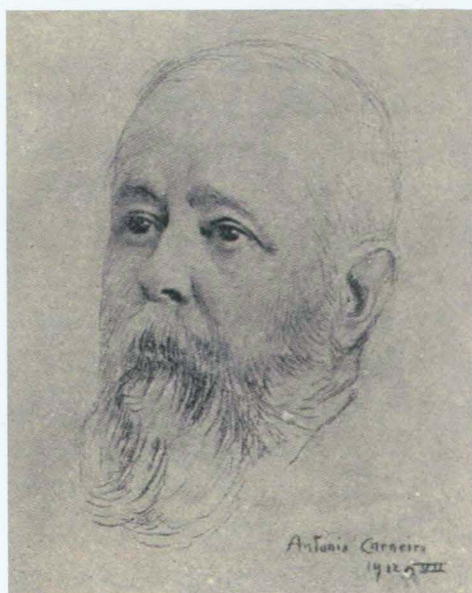
LUÍS AFONSO – A Câmara/Biblioteca Municipal de Aljustrel homenagearam outro filho da terra, o cartoonista Luís Afonso, atribuindo o seu nome a um jardim interior, que passou a designar-se Jardim Luís Afonso. Aconteceu também em Junho de 2024.

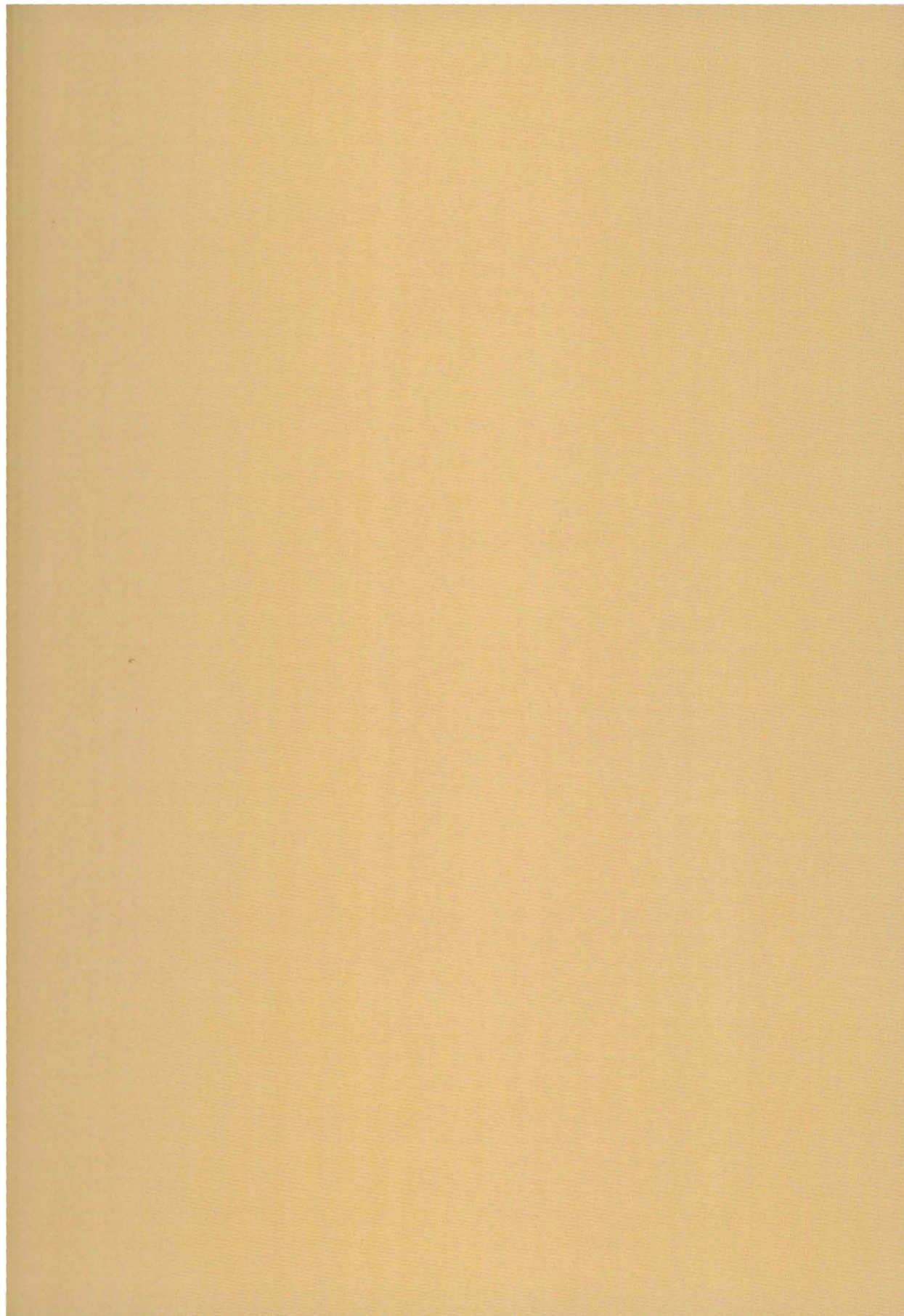
## Doação

O sócio Alberto Oliveira, de quem no Boletim 2023 publicámos o testemunho «(Re)Descobrir Fialho através de Jacinto do Prado Coelho», ofereceu-nos um exemplar deste livro, edição que mandou encadernar. A Associação regista e publicamente agradece.

## Digno da solidão

Sob este título, Susana Neves elaborou um texto sobre o Livro *Cadernos de Viagem – Galiza, 1905*, de Fialho de Almeida, que foi publicado na Revista Colóquio Letras n.º 215, 2024.







Apoios:

